

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR O IMPACTO DO USO DO AGROTÓXICO
NA VIDA DAS MULHERES E DO MEIO AMBIENTE, REALIZADA NO DIA 06 DE MARÇO
DE 2013, ÀS 14:00 HORAS.

ATA Nº 001

PRESIDENTE - DEPUTADO ADEMIR BRUNETTO

O SR. PRESIDENTE (ADEMIR BRUNETTO) - Boa-tarde a todos e a todas!

Declaro aberta a presente Audiência Pública, requerida por mim, Deputado Ademir Brunetto, para discutir o impacto do uso de agrotóxicos na vida das mulheres e do meio ambiente.

Estamos transmitindo ao vivo esta Audiência Pública pela TV Assembleia Legislativa.

Quando falamos das mulheres, estamos nos referindo aqui em caráter especial às mulheres do campo, porque direta ou indiretamente elas têm um impacto na vida de todas as mulheres.

Eu queria comunicar que estamos transmitindo ao vivo esta Audiência Pública para grande parte do Estado de Mato Grosso. As pessoas que têm interesse em assistir estarão participando, posteriormente teremos a oportunidade de reprise na TV Assembleia Legislativa, canal 16, TV a cabo, e canal 30, TV aberta.

Convido para fazer parte da nossa mesa de honra a Sr^a Itelvina Masioli, Coordenadora Nacional do Movimento Sem-terra e da Via Campesina - seja bem-vinda a Mato Grosso, Itelvina -; o Professor de Medicina e Saúde Coletiva da Universidade Federal do Estado de Mato Grosso, meu querido amigo Wanderlei Pignati, nosso palestrante; a Engenheira Sanitarista Luciana Nascimento Silva, neste ato representando o Presidente da AMM, Sr. Valdecir Colle; a Sr^a Luzia de Lurdes Severo, representando o Conselho Estadual dos Direitos da Mulher e o Conselho Estadual de Defesa dos Direitos da Pessoa com Deficiência; o Sr. Saymonton Rodrigues, Diretor Financeiro da Associação de Engenheiros Ambientais do Estado de Mato Grosso; o Sr. João Inácio Wenzel, representante do Comitê Estadual de Campanha Permanente Contra o Uso de Agrotóxicos e pela Vida (PALMAS).

Registramos também a presença do Vereador Éderson Porsch, da Câmara Municipal de Canarana; da Sr^a Ione Tigre do Santos, Coordenadora do Acompanhamento Pablo Neruda de Tabaporã; da Sr^a Paulina da Silva, Coordenadora do Acampamento Maria Bem-vinda de Nortelândia; da Sr^a Antônia Silva de Almeida, representando o Assentamento Antônio Conselheiro aqui de Tangará da Serra; da Sr^a Rosângela Rodrigues, Coordenadora do Movimento dos Sem-Terras em Mato Grosso; da Sr^a Elisângela Florêncio de Oliveira, do Assentamento Cássio Ramos, da cidade de Cáceres; da Sr^a Beth Maria Isilda, Coordenadora do Acompanhamento Sílvio Rodrigues de Mirassol d'Oeste - sejam bem-vindos meus amigos do Sílvio Rodrigues -; da Sr^a Vera Lúcia de Abreu Soares, representando o Assentamento Roseli Nunes, de Mirassol d'Oeste; da Sr^a Sônia Coronel Rosa, Assentamento Florestan Fernandes de São José dos Quatro Marcos; da Sr^a Sinéia Ferreira Soares, do Acompanhamento Mutum de Dom Aquino; da Sr^a Valdirene dos Santos, do Pré-

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR O IMPACTO DO USO DO AGROTÓXICO
NA VIDA DAS MULHERES E DO MEIO AMBIENTE, REALIZADA NO DIA 06 DE MARÇO
DE 2013, ÀS 14:00 HORAS.

assentamento de Nova Conquista em Nova Olímpia; da Sr^a Regiane Silva Tolentino, Coordenadora do Acampamento Ernesto Che Guevara de Tangará da Serra; e do Sr. Valter Valverde, engenheiro agrônomo que se faz presente nesta Audiência Pública.

Composta a mesa de honra convido todos para, em posição de respeito, cantar o Hino Nacional.

(EXECUÇÃO DO HINO NACIONAL.)

O SR. PRESIDENTE (ADEMIR BRUNETTO) - Queremos registrar e ao mesmo tempo convidar para participar da mesa o Sr. Antônio Carlo Máximo, Secretário Municipal de Meio Ambiente, neste ato representando o Prefeito de Cuiabá, Sr. Mauro Mendes.

Queremos registrar a chegada da Sr^a Madalena Rodrigues, Professora do Serviço Social, para que também faça parte da mesa de honra (PALMAS).

Quero iniciar agradecendo aos meus Pares, Deputados, que, atendendo o nosso pedido, aprovaram a realização desta Audiência Pública para discutirmos a questão dos agrotóxicos - outros chamam de defensivos, e nós não sabemos o que é mais ameno ou mais agressivo - e da mulher.

É importante esse tema, esse tema que contrapõe ideias e que contrapõe opiniões.

Há os grandes defensores do uso de agrotóxicos ou de defensivos, e nós devemos reconhecer a importância desses instrumentos para que Mato Grosso seja um grande produtor de alimentos, atendendo a demanda mundial, nessa questão de produção de alimentos. Por outro lado, o nosso Estado é um dos Estados que tem o maior número de pequenos produtores, de agricultores familiares, aproximadamente em torno de cento e oitenta a duzentas mil famílias. Mas nós sabemos que a agricultura se desenvolveu nos países tropicais e em outros países semitropicais se fundamentaram no uso de agrotóxicos, elementos que se desenvolveram que têm um grande mecanismo de controle da parte do Ministério da Agricultura, da Vigilância Sanitária, dos órgãos de controle, mas, ainda, testemunhamos diariamente o grande número de contaminações, intoxicações, de pessoas que são diretamente ou indiretamente atingidas pelo mau uso ou pelo uso abusivo, descontrolado de alguns elementos chamados defensivos.

E achamos muito oportuno, por se tratar da semana da mulher, alusiva à comemoração das mulheres trabalhadoras, fazermos este debate nesta Casa para ouvirmos técnicos especialistas para que possamos, ao final desta Audiência Pública, se for deliberação, encaminhar algum documento ou iniciarmos algum procedimento, algum projeto.

Enfim, quanto às deliberações que forem tomadas nesta Audiência Pública, porque ela é pública, ao final será aberta a palavra aos participantes para expor suas posições, fazer perguntas aos membros da mesa, que possamos chegar a um bom termo e encaminhar a nossa contribuição no processo de solução de alguns problemas que persistem no uso de agrotóxicos e os problemas que têm causando à sociedade, bem como precisamos reconhecer a grande contribuição que estão dando à produção de alimentos.

Antes de passarmos a palavra aos técnicos convidados, eu concederei a palavra às coordenadoras do Movimento para que realizem a mística inicial da cerimônia e que nos foi solicitado.

Então, nós queremos, na sequência, passar a palavra às coordenadoras realizarem a mística desse Movimento.

Com a palavra, a Sr^a Rosângela Rodrigues.

A SR^a ROSÂNGELA RODRIGUES - O povo da América Latina perde um líder e um construtor de ideias!

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR O IMPACTO DO USO DO AGROTÓXICO
NA VIDA DAS MULHERES E DO MEIO AMBIENTE, REALIZADA NO DIA 06 DE MARÇO
DE 2013, ÀS 14:00 HORAS.

A morte de Hugo Chávez representa uma perda irreparável para todos os povos da América Latina.

Sua origem humilde, sua trajetória de militar nacionalista e seu compromisso inquebrantável com um projeto de libertação do povo venezuelano, o transformou num líder popular de todo continente.

Foi o primeiro a enfrentar de armas em punho as mazelas do neoliberalismo na década de 90. Amargou a prisão. O povo o reconheceu e o conduziu ao Governo com o maior apoio eleitoral da história do país.

Promoveu mais de dez eleições com ampla participação popular e com extremo rigor de controle popular sobre a lisura das urnas. Ganhou todas!

Enfrentou o império e a mídia burguesa de todo mundo.

Enfrentou os empresários lúmpens e corruptos, marionetes da CIA que lhe deram um golpe, mas o desdenhado protagonismo do povo o salvou.

Nesses anos todos implementou mudanças fundamentais na sociedade venezuelana. Depois de um século de uma economia dependente das exportações do petróleo deu uma virada. Primeiro, distribuiu a renda petroleira para resolver os problemas do povo de saúde, educação, moradia e alimentação. Depois, implementou mudanças para reorganizar a economia com um processo de industrialização do país e de autonomia.

Na política incentivou todas as forças à participação popular não nos processos eleitorais e governamentais, mas estimulou o protagonismo dos trabalhadores em todos os espaços da sociedade.

Solidário com outros países mais empobrecidos criou a Petrocaribe que vende a preço de custo o necessário petróleo.

Como MST e demais movimentos da via campesina sempre tivemos uma identidade muito grande com seu projeto e um carinho especial por esse líder comprometido unicamente com seu povo.

Conhecemo-nos em atividades do Fórum Social Mundial (FSM) nos assentamentos do movimento para debater o neoliberalismo e as saídas para a crise capitalista.

Nós construímos juntos uma proposta continental de agroecologia que pudesse servir de base para uma política de produção de alimentos saudáveis para toda a população.

Organizamos uma rede continental de escolas de agroecologia e de experimento de sementes, nossa rede IALA (Institutos Agroecológicos Latino-americanos) e juntos colocamos as bases para um projeto de integração continental, porém, popular, que fosse mais além das articulações governamentais e comerciais; que pudesse servir de integração popular com iniciativas produtivas, com iniciativas educacionais para erradicar o analfabetismo na nossa população, de iniciativas sociais e políticas.

Para tanto, estamos construindo uma articulação de todos os movimentos sociais da América Latina que se identificam com esse projeto.

Foi uma década de derrotas para o neoliberalismo, para os setores da burguesia, e aos eternos serviços dos interesses do capital estrangeiro.

Foram dez anos de construção de um projeto de alternativas, com desafios enormes, vitórias e pequenas derrotas, mas sempre para frente!

Chávez nos fará falta!

Com a intensidade de um líder verdadeiro colocou as bases fundamentais na sociedade venezuelana para que o projeto tenha continuidade.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR O IMPACTO DO USO DO AGROTÓXICO
NA VIDA DAS MULHERES E DO MEIO AMBIENTE, REALIZADA NO DIA 06 DE MARÇO
DE 2013, ÀS 14:00 HORAS.

Seu exemplo e lucidez servirão de ânimo para toda militância social da América Latina, para todas as forças populares e para os governos progressistas para que se possa seguir construindo processos de verdadeira libertação popular, processos de verdadeira integração continental.

Viva Chávez !

Viva a integração popular do nosso continente!

O SR. PRESIDENTE (ADEMIR BRUNETTO) - Obrigado!

Como é o nome da nossa companheira?

O vídeo? *O.K!* Está autorizado!

(EXIBIÇÃO DE VÍDEO SOBRE A VIDA DO PRESIDENTE DA VENEZUELA HUGO CHÁVEZ - PALMAS.)

O SR. PRESIDENTE (ADEMIR BRUNETTO) - *O.K.*, Sr^a Rosangela Rodrigues!

Muito obrigado!

Não podemos deixar de reconhecer a liderança do nosso ex-Presidente *Hugo Chávez*, a sua ligação com os movimentos sociais e o que ele representou para América Latina como um todo. Alguns o odiavam e outros o amavam, mas a vida é assim mesmo. Não é Sr^a Itelvina Masioli?

Eu quero registrar que caso haja interesse de alguém da plateia interpelar os palestrantes, poderão fazê-lo, com a prévia inscrição junto ao Cerimonial, estritamente sobre o assunto e o interpelado terá três minutos para a resposta.

O procedimento é muito bem democrático, só temos que seguir o ritual para dar ordem a nossa Audiência Pública.

Eu quero registrar a presença e convidar para fazer parte da mesa conosco o Sr. Luiz Alécio, Secretário Adjunto da SEDRAF.

Registro a presença, também, do Sr. Reinaldo Loft, conhecido Alemão, amigo nosso, Secretário Adjunto da SEDRAF, e da Glória Maria Munhoz, Gerente de Educação do Campo, representando o Secretário de Estado de Educação, Ságua Moraes.

Sejam bem-vindos!

Com a palavra a nossa palestrante, companheira do movimento, Sr^a Itelvina Masioli, Coordenadora Nacional do Movimento Sem Terra, da *Via Campesina*.

Sugerimos aos palestrantes um tempo de cinco minutos, no máximo dez.

A SR^a ITELVINA MASIOLI - Boa-tarde a todas as companheiras e companheiros!

Primeiramente, eu quero cumprimentar o Deputado Ademir Brunetto por esta iniciativa, por pautar, nesta Casa, tema tão importante de interesse da sociedade, que é o tema dos impactos do agrotóxico na saúde e no meio ambiente.

Queremos reiterar, também, a nossa solidariedade com o povo venezuelano e o povo latino-americano que perde um líder extremamente combativo na luta em defesa dos direitos dos povos.

Eu quero cumprimentar especialmente as mulheres aqui presentes, principalmente as mulheres sem-terra que desde segunda-feira cento e cinquenta mulheres estão ocupando o Instituto Nacional de Reforma Agrária-INCRA em Mato Grosso. De modo que uma parte das mulheres está aqui presente e a outra parte segue lá na sede do INCRA, garantindo a ocupação para denunciar tudo que acontece de morosidade da paralisação da reforma agrária em nosso País e no nosso Estado.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR O IMPACTO DO USO DO AGROTÓXICO
NA VIDA DAS MULHERES E DO MEIO AMBIENTE, REALIZADA NO DIA 06 DE MARÇO
DE 2013, ÀS 14:00 HORAS.

De forma inicial, eu quero homenagear e trazer presente, neste momento, as seiscentas mulheres da Vila Campesina, do Rio Grande do Sul, que hoje pela manhã ocuparam a Multinacional Milênia, uma fabricante de agrotóxico em Taquari, no Rio Grande do Sul, para denunciar todos os impactos do agrotóxico em nosso País. É a maior fábrica dessa empresa multinacional israelense fora de Israel!

Feita essas considerações iniciais, eu quero iniciar e para isso preparamos alguns *slides* que vão nos ajudar a entender a nossa reflexão enquanto mulheres, enquanto mulheres camponesas e membros do MST e da Via Campesina.

Essa nossa jornada é importante neste momento que está nesse marco da Jornada Nacional das Mulheres Camponesas, das Mulheres Sem-terra na luta contra o capital e pela soberania dos povos.

Eu quero dizer que desde o dia 04 deste mês, em vinte e dois estados brasileiros, estamos iniciando a nossa jornada nacional. Ontem, iniciamos em Brasília um acampamento nacional, por tempo indeterminado, que reúne os diferentes segmentos do campo articulados no encontro unitário dos trabalhadores e das trabalhadoras.

É importante no nosso debate, para entender o tema dos agrotóxicos: quais são os dilemas na luta do campo?

Estamos falando dos agrotóxicos e projetos em disputa: agricultura ou agronegócio?

A luta para que o campo seja de fato um espaço de produção e de vida digna para povo ou o campo como um espaço de produção de lucro, um espaço de produção de mercadorias?

Nós estamos falando e denunciando um modelo de agricultura industrial que está no campo e que se contrapõe ao que defendemos como um projeto de agricultura camponesa e os dados já mostram que produz mais de 70% dos alimentos consumidos. No mundo inteiro as mulheres produzem mais de 80% de todos os alimentos consumidos no mundo.

Estamos falando desses dois projetos, um que defende de fato a natureza, a biodiversidade, e o outro que gera tanta morte. Estamos falando do modelo batizado de agronegócio que quer e promove uma agricultura sem gente. E Brasil é o segundo em concentração de terras, onde 1% de proprietários detém 46% das terras agricultáveis nesse nosso País.

É deste modelo que estamos falando e denunciando, que padroniza as nossas paisagens, que vai gerando o que os estudiosos têm mostrado como um grande deserto verde em nosso País, provocando o desmatamento desenfreado que gera muitas consequências; potencializando o monocultivo, seja da cana, do eucalipto, da soja e outros mais, dos gados; produzindo cana para produzir etanol, não para produzir alimento para chegar à mesa, mas para garantir os tanques dos automóveis principalmente nos chamados primeiro mundo.

Um modelo que se sustenta no trabalho escravo e na precarização do trabalho; um modelo onde os bens da natureza viraram mercadorias e estão sendo apropriados e dominados por esse conjunto de multinacionais como Syngenta, Cargill, Bunge, Monsanto, Bayer, Coca-Cola, Nestlé e outras tantas que quer se apropriar da terra, das águas, das nossas sementes. Estamos falando de um modelo que vem da revolução verde, chamada revolução verde dos anos 60, até o momento do agronegócio, que se sustenta num grande pacote tecnológico sustentado na produção de venenos, no monocultivo, na concentração da terra, do crédito e etc..

Existem vários mitos para esse modelo de que a produção de transgênico produz com menos veneno - isso é uma verdade ou um mito? - que queremos discutir nesta nossa Audiência Pública.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR O IMPACTO DO USO DO AGROTÓXICO
NA VIDA DAS MULHERES E DO MEIO AMBIENTE, REALIZADA NO DIA 06 DE MARÇO
DE 2013, ÀS 14:00 HORAS.

As pesquisas mostram, vamos dizer, que as vendas de glifosato no Brasil de 2000 a 2009 tem aumentado mais de trezentos mil. Então, isso é pura mentira, vamos dizer, que produz com menos veneno.

Esse modelo que beneficia as sementes *terminator* - que são as sementes suicidas, que são plantadas e na segunda geração já se tornam estéreis - obriga os camponeses e as camponesas a ficarem dependentes das sementes. Essa semente foi desenvolvida pela Monsanto, nos Estados Unidos, e, na verdade, tentam nada mais do que ir destruindo os camponeses e a agricultura camponesa.

Outra questão importante que falávamos, defensivos agrícolas ou agrotóxicos, veneno? Nós não podemos ficar dando muito apelido bonito, são venenos. Outros dizem: esses venenos não são aliados dos camponeses para produzir nenhum bem. Eles são, na verdade, aliados, são mercadorias impostas pelo capital no Brasil e no mundo para seguir aumentando os seus lucros.

Podemos ver isso rapidamente no desenho do gráfico, o mercado mundial dos agrotóxicos como só vai crescendo.

Junto com isso, nós vemos um conglomerado aonde as principais empresas dos agrotóxicos vão se juntando no mundo, formando oligopólios para dominar e para deter a produção, a semente e o mercado, vamos dizer, de todas as sementes no mundo.

Então, para as empresas, obviamente o lucro; para os trabalhadores, as trabalhadoras e o ambiente, a contaminação que sobra para nós. Contaminações, doenças e etc.. O resultado de tudo isso - estou falando muito rapidamente - está colocado, sete bilhões, cento e vinte e cinco milhões para as empresas. Isso significa 5,2 litros de veneno para cada brasileiro. Essa é a cota que cada um de nós temos, resultado desse modelo.

O que sobra? Sobra a miséria, a doença, a expulsão dos trabalhadores e das trabalhadoras do campo, na maior parte do nosso planeta e no nosso Estado também, gerando uma quantidade de enfermidade e de doenças. Então, essa é uma situação.

E para as mulheres do campo a situação é ainda mais complicada: abandono, doença, ter que levantar de manhã cedo porque as escolas vão fechando no campo, dupla e tripla jornada de trabalho. Somos expostos a diferentes formas de exposição aos agrotóxicos seja na bomba, seja aqui, seja na máquina no veneno, nos grandes aviões que vão pulverizando e contaminando. Já está comprovado que a pulverização aérea está contaminando solo, subsolo, ar e trazendo uma quantidade de impacto na saúde das mulheres em todo esse contexto permanente de risco a muito mais de dez quilômetros.

Então, esse processo todo de globalização da pobreza atinge principalmente as mulheres e as crianças em todo o mundo, especialmente as mulheres camponesas e as mulheres indígenas. As mulheres mais pobres são as principais vítimas dessa crise ambiental e desse afã de lucro do Capital, gerando uma quantidade de desigualdades.

Depois no debate nós vamos ver o conjunto de impacto a nossa saúde.

Pode passar. Eu tinha quinze minutos e agora tenho que correr contra o tempo.

Os efeitos dos agrotóxicos na saúde das mulheres.

Temos visto o que tem aumentado todo esse processo, essa exposição dos químicos sobre o processo reprodutivo, aumentando os riscos à saúde das mulheres e do embrião fetal decorrente de toda essa exposição permanente que tem as mulheres.

São muitas as evidências que são colocadas, má formação de feto, aborto, câncer, aumentando, e muito. O próprio Instituto Nacional do Câncer que tem denunciado que esse modelo

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR O IMPACTO DO USO DO AGROTÓXICO
NA VIDA DAS MULHERES E DO MEIO AMBIENTE, REALIZADA NO DIA 06 DE MARÇO
DE 2013, ÀS 14:00 HORAS.

vai gerar pelo menos 400 mil casos de câncer anual resultado desse modelo com base nos agrotóxicos.

Quais são os desafios que estão sendo colocados para nós? Toda essa situação compromete - nem estou falando aqui de soberania alimentar - a segurança alimentar, que é o acesso das populações ao alimento, porque o agronegócio não produz alimento, o agronegócio produz veneno, com o veneno, é que contamina. Então, são os conjuntos de desafios que têm aumentado a instabilidade, a violência no campo, tudo isso que nós já estamos vivenciando, gerando morte e afetando ainda mais os conflitos no campo, que, segundo os dados da CPT, no último período mais de 1.600 trabalhadores foram assassinados em conflito no campo no nosso País. Todos esses fatores que estamos falando vão repercutir muito particularmente sobre a vida das mulheres com toda essa vulnerabilidade frente ao aumento da violência, o uso da droga, das prostituições, onde as comunidades se afetam vítimas dos mega projetos que se instalam em nossas comunidades, das grandes represas, e etc., toda essa falta de política realmente que dê essa sustentação.

Há um conjunto de propostas que nós, como movimentos sociais, ao final, vamos apresentar ao Deputado para que de fato o Estado de Mato Grosso e a Assembleia Legislativa possa dar encaminhamento, portanto, Rosa, pode pular essa parte, porque nós vamos entregar ao final um documento mais preciso com as nossas propostas.

O resultado desse modelo - qual é o resultado desse modelo? -, os custos ambientais e sociais. Todo esse processo da vulnerabilidade a que estão expostos os povos e as comunidades camponesas, os ribeirinhos, os pescadores que estão aqui ao nosso lado numa luta importante, vamos dizer, pelo direito de um povo e de uma comunidade de seguir se alimentando e alimentando os seus filhos.

Todos esses mitos e incertezas que o agronegócio, com todos os seus mecanismos de envenenamento e de destruição da natureza, causa.

Nós estamos assistindo a vários fenômenos em que dizem: “Ah! Isso é da natureza.” A natureza está reagindo a todo esse modelo de produção e de consumo no País e em Mato Grosso, que destrói a natureza, o meio ambiente e gera a morte.

Há saída para esse modelo do agronegócio com base nos agrotóxicos e no veneno? Essa é a pergunta. E nós, como movimento Via Campesina, dissemos que sim.

A saída não são as falsas soluções do mercado, não são as falsas soluções do capital, mas é a luta pela soberania alimentar, é lutar para produzir alimento. Os alimentos não são mercadorias. É lutar pela soberania e garantir o direito e o acesso às futuras gerações, garantir a semente, a terra, a biodiversidade e o conhecimento dos nossos povos.

A agroecologia, como um projeto de agricultura, e não os monocultivos, não o veneno.

Estamos entendendo e defendendo que a reforma agrária, a soberania alimentar, a justiça socioambiental são temas, são os saberes tradicionais dos camponeses e das camponesas.

Fortalecer o mercado local.

Tudo isso são saídas de fato para garantir a produção de alimentos.

Desenvolver todo um trabalho de conscientização da população e da sociedade. Implementar território livre dos agrotóxicos. Estimular todo esse processo de transição para agroecologia. Fortalecer cursos e programas em que os camponeses e a comunidade produzam, de fato, sem veneno.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR O IMPACTO DO USO DO AGROTÓXICO
NA VIDA DAS MULHERES E DO MEIO AMBIENTE, REALIZADA NO DIA 06 DE MARÇO
DE 2013, ÀS 14:00 HORAS.

E tudo isso nós sabemos que está pela mobilização do povo, pela conscientização dos trabalhadores do campo e da cidade em defender o seu direito a se alimentar com alimento são, agroecológico.

E para isso, também, desde 2011 na Via Campesina temos lançado a Campanha Internacional Permanente contra os Agrotóxicos e pela Vida. É uma campanha de que muitos participam, e depois o companheiro falará mais pelo comitê.

Então a nossa luta é defender a agroecologia, um novo padrão de produção e consumo, produzir alimentos saudáveis, a valorização das pessoas - os mais velhos, gente, são arquivos vivos da nossa experiência acumulada - e não abandonar no campo, como muitos abandonam os nossos idosos. Nós temos que resgatar todos os saberes e a solidariedade que é presente na vida das comunidades.

Cultivar toda uma mística da vida camponesa, do povo que tem que lutar frente a um Estado repressor, que privilegia o capital e não a luta. E a nossa luta, por fim, é para alimentar sonhos, produzir e defender a natureza, construir outra relação do campo com o meio ambiente na produção dos alimentos.

Dizer cada vez mais forte não às falsas soluções e sim à agricultura camponesa, compreendendo que nós, as mulheres camponesas deste Brasil, de 2006 para cá, temos desenvolvido uma maior luta forte contra o agronegócio, os agrotóxicos e em defesa da soberania ambiental e da soberania alimentar como uma das medidas reais para acabar com a fome e a miséria e a violência neste País.

Então de forma muito rápida dizer que nós entendemos que há saída sim! E a saída está na reforma agrária, está na soberania e a saída está na luta do campo e da cidade, porque esse tema não é só um tema de camponesas e de camponeses, é um tema que interessa a toda a sociedade.

Esperamos e temos certeza, Deputados, que podemos contar contigo. E deste resultado e desta audiência a Assembleia Legislativa pode e deve, sim, tomar um conjunto de medidas para frearmos todos os impactos e ação do agronegócio no Estado de Mato Grosso.

Muito obrigada (PALMAS).

O SR. PRESIDENTE (ADEMIR BRUNETTO) - Obrigado, Sr^a Itelvina Masioli.

Em poucos minutos percebemos a sua brilhante formação, sua capacidade, domínio de palavras e sabemos o quanto contribui com a discussão.

Muito obrigado, pela sua visita! Quero dizer que, embora eu tenha essa cara de urbano, eu tenho orgulho em dizer que sou filho de um casal de assentados da reforma agrária, trabalhadores do campo. E isso me orgulha muito, a minha origem. Sempre que tive oportunidade de fazer as discussões nesta Casa junto com os movimentos, não só MST, CPT, MTA, FETAGRI e outros movimentos, e nós estivemos juntos na linha de frente. Para mim, isso é muito importante na minha formação de subsídios do meu mandato parlamentar. Muito obrigado.

Passemos a palavra agora para o nosso segundo palestrante, o Professor Wanderlei Pignati, essa autoridade no assunto. Ele é professor de medicina; também é médico; tem feito a representação e o debate em alguns fóruns internacionais e nacionais, autor de muitas pesquisas e trabalhos científicos quanto ao tema que estamos abordando, que é a questão das contaminações dos agrotóxicos.

Com a palavra, o Professor Wanderlei Pignati.

O SR, WANDERLEI PIGNATI - Boa-tarde a todos!

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR O IMPACTO DO USO DO AGROTÓXICO
NA VIDA DAS MULHERES E DO MEIO AMBIENTE, REALIZADA NO DIA 06 DE MARÇO
DE 2013, ÀS 14:00 HORAS.

Cumprimento a mesa em nome do Deputado Ademir Brunetto, que convocou esta Audiência Pública; e todas as mulheres, em nome dessa lutadora nacional do MST, Itelvina, que talvez represente uma luta das mulheres por melhores condições de vida.

Inclusive, eu estava discutindo que nesta semana, que é a semana internacional das mulheres, eu coloquei aqui num documento, Deputado, e eu vou entregar um ofício e um documento técnico sobre as nossas discussões, assim: Semana Internacional de Luta pela Melhoria das Condições de Vida das Mulheres. Eu acho que tem que ser uma coisa mais contundente do que dizer apenas Dia Internacional da Mulher, porque como a colega já disse antes, realmente são as mulheres que cuidam da vida muito mais do que os homens. E além de cuidar da própria vida, elas cuidam da vida das crianças, da escola das crianças, da horta, da casa e, muitas vezes, tem que cuidar do marido; e, muitas vezes, até tem que fazer o papel do marido. Muitas delas estão, hoje, sobrevivendo com uma família toda e sozinhas, porque fizeram a opção de serem mães, inclusive, que nós chamamos de solteiras, e viver e muitas tiveram que abandonar o marido, abandonar a casa por causa, inclusive, da violência doméstica.

Esse tema sobre os agrotóxicos, também, tem muito a ver com a problemática e saúde das mulheres.

Nós temos discutido no Núcleo de Estudos e Saúde Ambiental do Trabalhador da Universidade não só a questão dos agrotóxicos, mas a questão da saúde do trabalhador e da trabalhadora.

Quando fazemos uma análise procurando essa diferenciação vemos que em alguns setores os homens sofrem mais acidentes de trabalho, mas em alguns outros setores as mulheres sofrem muito mais acidentes de trabalho. Dentro dos acidentes de trabalho que nós colocamos estão: intoxicações agudas por agrotóxicos e intoxicações crônicas por agrotóxico.

Quando falamos crônica vai desde o câncer, má formação fetal, aborto, que nós chamamos de tentativa de suicídio e quando nós discutimos afeta muito mais... É lógico que o aborto ele afeta somente as mulheres, mas a má formação vai afetar as mulheres e os homens que nascem. O problema vem da exposição da mãe aos agrotóxicos, porque é a mãe que fica, muitas vezes, em casa; é a mãe que vai cuidar da horta; é a mãe que mora ali e estão pulverizando quase no quintal das casas, principalmente aqui, em Mato Grosso - e vamos colocar algumas questões nesse sentido da desregulação que existe aqui, em Mato Grosso -... Desregulação, não! Existe muita legislação, mas grande parte não é cumprida.

Nós trouxemos uma apresentação até para guiar o nosso...

Eu trouxe até para guiar a discussão, porque nós temos quinze minutos e temos muitas pesquisas, como disse o Deputado, muitos documentos.

Nós estivemos, em abril, no Congresso Mundial de Nutrição e, juntamente com outros pesquisadores nacionais, apresentamos um documento sobre agrotóxico e alimento. Ele está, inclusive, traduzido em inglês e em espanhol. Depois, no Rio+20, nós apresentamos outro documento, juntamente com outros pesquisadores nacionais, que vai falar sobre os agrotóxicos e a questão ambiental: a poluição da água, da chuva, do ar, do Pantanal, das zonas costeiras do Brasil, do Vale do São Francisco. Há muitos exemplos, inclusive, nos dois documentos nossos que foram produzidos na nossa Universidade Federal, juntamente com a FIOCRUZ.

Nós temos toda uma equipe que trabalha no Instituto de Saúde Coletiva da Geografia, Economia, Química, Biologia. Inclusive, o Sandro, que está aqui, é da Biologia. Ele tem Mestrado em Agronomia e trabalha conosco. E o pessoal da FIOCRUZ que trabalha conosco.

Próximo!

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR O IMPACTO DO USO DO AGROTÓXICO
NA VIDA DAS MULHERES E DO MEIO AMBIENTE, REALIZADA NO DIA 06 DE MARÇO
DE 2013, ÀS 14:00 HORAS.

Aqui...

Quando a Etelvina disse desse processo do agronegócio, de discutirmos o impacto na saúde, não só quanto à saúde das mulheres, mas eu falo na saúde das mulheres, dos homens e das crianças... É lógico que tem toda característica de que a mulher é que carrega mais essa questão.

Nós teremos em todas as etapas o desmatamento, a indústria da madeira, agricultura, pecuária, transporte, armazenamento e agroindústria em si. Em todos nós teremos os trabalhadores, homens e mulheres e em alguns setores mais mulheres. Se pegarmos os frigoríficos aqui, em Mato Grosso, principalmente frigorífico de frango, grande parte, 80% são mulheres que estão trabalhando, destrinchando os frangos, assim como em outras áreas.

Sempre nós mos os trabalhadores, os acidentes de trabalho agudos ou crônicos que vão entrar as doenças da quais eu falei: câncer, má-formação, distúrbios neurológicos, endócrinos e agravos na população, onde ficam os sequelados, os mutilados e os hipertensos; e os danos ambientais, onde ficam as intoxicações, poluições da água, do ar e da chuva.

Inclusive, nós temos pesquisas aqui, em Mato Grosso, inéditas no Brasil, sobre a poluição de agrotóxico na chuva, no ar. São pesquisas inéditas que nós fizemos aqui, em Mato Grosso, sobre agrotóxico no ar, acompanhando algumas escolas em vários municípios de Mato Grosso.

Essa é a utilização de agrotóxico no Brasil e, depois, vou mostrar, inclusive, em Mato Grosso.

Isso é do Censo Agropecuário de 2006. Logicamente, é antigo, mas mostra bem, por exemplo, em Mato Grosso, dentro do mapa do Brasil, as três regiões, maiores produtores e que mais consomem agrotóxicos no Brasil.

Estão aí as regiões de Tangará da Serra, de Sinop e de Rondonópolis, onde nas propriedades de zero a dez hectares 27, as pequenas agriculturas familiares, também, usam agrotóxicos, no entanto, menos que as maiores de cem hectares que 80% utilizam agrotóxicos.

Mato Grosso é o Estado que mais usou agrotóxico e usa no Brasil: 20%. Esse dado, ainda, é de 2010: 828 milhões de litros, mas em 2012 foi para quase um bilhão de litros de agrotóxicos utilizados. É aquele que se compra na Casa da Lavoura, porque ele - aquele que se compra na Casa da Lavoura -, ainda, será diluído, em média, em cem litros de água. Então, nós vamos ter cem bilhões de calda tóxica pulverizadas nas lavouras do Brasil por ano e em Mato Grosso foram cento e treze milhões de litros no ano passado.

Está aí: Mato Grosso um grande produtor de algodão, arroz, café, borracha, cana de açúcar. Quando chegamos na soja, no ano de 2010, seis milhões de hectares; milho, novecentos e dois milhões de hectares; algodão, setecentos mil hectares, quase um milhão de hectares. E isso consumiu cerca cento e treze milhões de litros de agrotóxicos! E isso é segundo um bando de dados do INDEA que nós temos acesso, porque de todo receituário agrônômico emite-se uma nota fiscal que é enviada *on-line* ao INDEA de Cuiabá. Por meio de um projeto de pesquisa com a FIOCRUZ nós tivemos acesso a esse banco de dados. Não tivemos acesso aos nomes das fazendas, mas tivemos acesso por município, por tipo de agrotóxico, como passa, como não passa, área trata, a praga que dizem que será tratada. Eu não sei qual é a praga, mas chamam de pragas os insetos; as ervas que, também, chamam de daninhas, e os fungos. Então, os cento e treze milhões de hectares!

Por que isso tudo?

Aí estão os agrotóxicos mais utilizados aqui, em Mato Grosso, segundo conta desse banco de dados do INDEA. Logicamente não entram, ainda, esses cento e treze milhões; não entram os agrotóxicos contrabandeados e aqueles que são vendidos sem nota fiscal. Então, isso vai

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR O IMPACTO DO USO DO AGROTÓXICO
NA VIDA DAS MULHERES E DO MEIO AMBIENTE, REALIZADA NO DIA 06 DE MARÇO
DE 2013, ÀS 14:00 HORAS.

aumentar em mais, por exemplo, 10% do que imaginemos desse total. São cento e treze milhões de litros de agrotóxicos que são comprados na Casa da Lavoura que serão diluídos em 100 litros de água, vai dar um bilhão de calda tóxica ou mais, 10 bilhões, porque 100 vezes 100, vai dar 10 bilhões. E esses agrotóxicos mais consumidos - está aqui o Glifosato, que é o primeiro; metamidofós, endossulfam, 2,4D, óleo mineral e etc. - desses 50 mais utilizados, vinte e dois, os mais utilizados, são proibidos na União Europeia - aqui no Brasil não são proibidos - porque são cancerígenos.

Pega o *Diário Oficial* da União Europeia, Sr. Deputado, veja porque o metamidofós vai ser proibido este ano - inclusive, damos os parabéns à ANVISA, nós que ajudamos a fazer o parecer também -; o endossulfam vai ser proibido este ano. Mas tem décadas que os dois são proibidos na União Europeia. O Glifosato ainda não. Mas as últimas pesquisas estão indicando que ele causa má-formação.

As últimas pesquisas, principalmente do Grupo do Ceralim, da França, e o Grupo do Carrasco, da Argentina, grandes pesquisadores mundiais sobre a questão dos agrotóxicos, está mostrando que eles causam má-formação.

Esses dois foram proibidos há décadas. Esse não é proibido, não vai ser proibido por enquanto. Mas está na revisão o 2,4D, que é o Deputado conhece, que é o Tordon, que usa muito no pasto, usa muito no algodão, que é um herbicida, misturado com picloram, 2,4D mais picloram, que piora ainda mais o efeito tóxico dele, e ele é proibido na União Europeia, nos Estados Unidos, vários deles: atrazina, metomil, que está em processo de proibição, carbendazim, lactofen e vários outros desses aqui.

E isso acompanha, inclusive, a produção de Mato Grosso, como eu disse aqui em mais detalhes: a região aqui de Tangará da Serra; a região aqui de Sinop; e a região de Rondonópolis, incluindo Diamantino, que está aqui, e o consumo de agrotóxico.

Está aqui quem consumiu mais por município nos últimos dados que nós temos do banco de INDEA. Foram 7 milhões, 558 mil, 877 litros, nessa região aqui, para não discriminarmos, de Tangará da Serra. Lucas do Rio Verde, 5 milhões; Nova Mutum, 4, e assim vai essa região.

Esses mais escuros, aqui, municípios que vocês podem localizar, quem conhece, foi de dois milhões e novecentos mil até sete milhões e meio de litros de agrotóxicos.

Isso por quê? Está aqui uma média, com esse banco de INDEA que nós temos e está aqui quanto que um hectare de soja consome doze dias litros de agrotóxicos, entre inseticidas, fungicidas, herbicidas, dessecantes e outros que se usam menos também.

Um hectare de milho, seis litros; um de cana-de-açúcar, 4,8, quase 5; e um de algodão, vinte e quatro litros. E olha que Mato Grosso é o campeão nacional de produção de algodão, 52% ou mais de 50% do algodão produzido no Brasil é produzido aqui. Então, temos que colocar a mão na consciência e ver, também, que é o que mais usa agrotóxico e veneno.

Nós falamos assim: agrotóxico ou veneno. Eu gostaria de falar, inclusive, que na nossa Lei Federal nº 7.802/89 e no Decreto nº 9.984/00 está escrito: agrotóxico e explica o que é agrotóxico, não está escrito pesticida, defensivo agrícola, nem nada disso.

E na nossa Lei Estadual nº 8.588/06 está escrito agrotóxico e explica o que é agrotóxico, não tem nada de pesticida ou defensivo agrícola.

E no Decreto nº 1.362/2012, que foi a última regulamentação assinada pelo Governador Silval Barbosa, também está escrito agrotóxico.

Então, não podemos dizer: Ah, é veneno, é isso, é aquilo. É agrotóxico! Inclusive legalmente e para melhorar a discussão nesta Casa de Leis.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR O IMPACTO DO USO DO AGROTÓXICO
NA VIDA DAS MULHERES E DO MEIO AMBIENTE, REALIZADA NO DIA 06 DE MARÇO
DE 2013, ÀS 14:00 HORAS.

Aqui, um flagrante na nossa pulverização terrestre.

Aqui, a plantação de milho, pulverizando o herbicida a beira do córrego, perto de uma área de preservação ambiental.

Avião, que é um dos mais prejudiciais à saúde ambiental e da população. Ele pode ser bom para lavoura, mas para a saúde da população e do ambiente é o pior.

Aqui, uma plantação de tomate, tirada, inclusive,... Nós que estivemos, inclusive, no município de Mato Grosso.

Aqui, será que existe uso seguro do agrotóxico? Essa é uma discussão que não dá para fazermos aqui. Nós fazemos uma discussão técnica em nível de Universidades. Mas que uso seguro é esse?

Então, esse aqui está com o Equipamento de Proteção Individual - EPI natural dele. Mas este aqui está com o EPI quase igual de um astronauta. Se ele estiver com EPI quase igual de um astronauta pode ser seguro para ele. Mas ele está jogando onde? Na plantação de alface, de tomate, vai sair na água, vai sair nos alimentos, vai sair na chuva, vai evaporar.

Então, para nós da Saúde Pública não existe uso seguro de agrotóxico. Pode existir para o trabalhador se ele estiver igual a um astronauta, que é muito difícil acharmos. Porque para ser igual a astronauta, esse filtro tem que ser um filtro que ele esteja respirando um ar bem específico se trocado. Se é para trocar numa semana, trocar.

E outra, qual a eficiência e a eficácia desse filtro? Eu sou também médico do trabalho e temos que para produtos químicos não existe filtro pulmonar, que nós chamamos, 100% eficaz. E tem pessoas que bastam uma molécula, duas, três, quatro, cinco para desenvolver uma má-formação, um câncer ou um distúrbio neurológico daquele produto tóxico.

Tudo bem! Vamos recolher as embalagens vazias? Mato Grosso é o campeão nacional de recolhimento de embalagem vazia, porque é o campeão de uso de agrotóxico. Vamos recolher.

Mas nós, Srs. Deputados e as mulheres aqui têm que perguntar: onde que foi parar os milhões de litros que estavam dentro? Essa é a grande pergunta que os senhores Deputados, o Governador, Prefeitos e Vereadores têm que fazer: Onde foi parar o que estava dentro? Uma parte é degradada. Concordo. Muito pouco!

Agora, esse produto da degradação é ruim ou bom para a saúde? Ficou pior ou ficou melhor? Alguns ficam pior depois da degradação. E quando, às vezes, se procura um deles, por exemplo, o Glifosato, que mais se fala por aí, não vou falar o nome comercial para não ser processado, mas o Glifosato é o princípio ativo de vários produtos comerciais, vários: o Randap, Mata Mato, o próprio glifosato genérico que existe hoje, mas está lá e o pessoal fala: "Ele é biodegradável!" Em quanto tempo? Ah, uma semana na água; no solo, um mês. Ele se transforma em quê? Ele se transforma em AMPA, que é um ácido da mesma maneira prejudicial ao outro.

E aí o pessoal procura e fala: "Está vendo, não achou mais isso aqui. Mas procura o outro". Procura o produto de degradação para ver se não está lá, se não está no alimento, no leite materno, como nós achamos, que depois vai prejudicar as crianças e as mulheres, que vai dar má-formação, que vai dar câncer, e uma das causas do câncer de mama, do colo do útero, são os agrotóxicos, uma das causas! Está até no Livro do INCA-Instituto Nacional do Câncer. Tivemos agora um seminário de uma semana no INCA, discutindo com pesquisadores nacionais e internacionais - uma semana, eu estive presente - sobre agrotóxico e câncer. Agrotóxico e câncer!

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR O IMPACTO DO USO DO AGROTÓXICO
NA VIDA DAS MULHERES E DO MEIO AMBIENTE, REALIZADA NO DIA 06 DE MARÇO
DE 2013, ÀS 14:00 HORAS.

Pega o manual do INCA e está lá: vigilância do câncer ocupacional e ambiental. Está no *site*. Não é por acaso que é o primeiro, mas porque começa com “a”, está lá: agrotóxico e câncer. Vejam quantos agrotóxicos causam câncer! Então, nós temos que perguntar onde foi parar.

Aqui, por exemplo, a cidade de Lucas do Rio Verde.

(O ORADOR MOSTRA NO DATASHOW.)

O SR. WANDERLEI PIGNATI - Não é só Lucas do Rio Verde, mas está aqui como é a pulverização, como é que está a cidade, como é que estão os nossos córregos e nossos rios.

Campo Novo do Parecis: como estão os nossos córregos e nossos rios, como é que pulveriza até em cima das casas.

Isso é uma coisa fácil de cada um ver. Vejam nos seus municípios - eu sei que a maioria das mulheres aqui é do interior - entrem no *Google* e coloquem lá os seus municípios para verem como é que estão os córregos, como é que está a sua casa, se está rodeada de plantação de soja, de milho ou de algodão. Olhem para vocês verem. Vão ficar assustadas!

Está aqui Campo Verde.

(O ORADOR MOSTRA NO DATASHOW.)

O SR. WANDERLEI PIGNATI - Estas aqui são as nascentes do São Lourenço, aqui as nascentes do Rio das Mortes e aqui uma grande produção de pintinhos para distribuir para as granjas do Estado todo.

Eu pergunto: será que esse pintinho respira? E as pessoas que estão lá em cima também não respiram? E estas pessoas que estão aqui não respiram? O vento fica parado? Será que tem uma redoma de vidro aqui?

Qual é a legislação, Deputado, que fala da distância da pulverização? A pulverização aérea, segundo a Instrução Normativa nº 02, do MAPA, de 2008, são quinhentos metros de distância para pulverização aérea do córrego, do abastecimento de água, da residência e da criação de animais.

Eu pergunto se alguém, Deputado, alguma fazenda, está obedecendo isso aqui em Mato Grosso.

A distância para pulverização terrestre, que era até setembro do ano passado trezentos metros, terrestre é com trator ou com bomba costal, trezentos metros de córrego, abastecimento de água, residência e criação de animais. Eram trezentos metros. Pois o senhor governador agora, em setembro do ano passado, no Decreto 1.362/2012, esse novo Governador Silval Barbosa, porque o outro tinha sido assinado pelo ex-Governador Blairo Maggi, que é agrônomo, deveria entender um pouquinho, e colocou trezentos metros, esse outro, não sei se entende ou não, abaixou para noventa metros pulverização por trator e pulverização terrestre.

Eu pergunto se alguém esta obedecendo isso em Mato Grosso.

O próximo *slide* é o que são os agrotóxicos. Vamos para o próximo para caminhar mais.

Os agrotóxicos e as doenças. Eles vão dar, desde os agudos. Nós tratamos e salvamos 90%: diarreias, vômitos, e assim vai - quadro clínico e até psiquiátrico provocado pelos agrotóxicos - e nós da medicina salvamos, mas aqui em Mato Grosso com um custo alto.

Eu pergunto: aonde tem um centro de tratamento ou de atendimento de intoxicação aqui no Estado de Mato Grosso? Zero. Uma vergonha! (PALMAS) Uma vergonha! Qualquer Estado tem. Todos têm.

Está aqui o Eder, que é o Coordenador do Centro do Trabalhador. Estava aqui. Cadê ele? Está ali o Eder, Coordenador Estadual do Centro do Trabalhador.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR O IMPACTO DO USO DO AGROTÓXICO
NA VIDA DAS MULHERES E DO MEIO AMBIENTE, REALIZADA NO DIA 06 DE MARÇO
DE 2013, ÀS 14:00 HORAS.

Estamos brigando para incluir, é uma das primeiras reivindicações, Deputados, que nós colocamos aqui no documento, não é a primeira, mas é uma delas, está aqui, implantar em Cuiabá um centro de atendimento e laboratório estadual de toxicologia para atender os trabalhadores e as populações expostas aos agrotóxicos. É uma vergonha! Tínhamos, até três horas atrás, um centro de informação antiveneno chamado CIAVE, os nossos alunos de medicina, eu fui lá muitas vezes ajudar e dar orientação para os nossos alunos no CIAVE-Centro de Informação Antiveneno, no Pronto-socorro, - né, Eder? -, que acabou! Acabou porque atendia o Estado todo e a prefeitura - não sei se um cidadão que vem lá de Sinop não é cidadão mato-grossense - não queriam atender. Acabou. Pergunta aonde tem um centro especializado. Em nenhum lugar.

Vemos as pesquisas de nível nacional, que se chamam SINITOX, desse Centro de Informação Antiveneno, no Brasil todo, único local no mapa do Brasil está lá: zero Mato Grosso.

O SINITOX, que é coordenado pelo Ministério da Saúde, nós notificamos, sim, através do SINAN, que é outro Sistema de Informação, muito poucos casos, 70, 80, 90, 100 casos por ano, e nós sabemos que isso está sub, sub, subnotificado, representa 5% dos casos que deveriam ser notificados e não notificam. E, quando é notificado, não tem um centro, pelo menos de informação, que tinha até três anos atrás. O “cara” liga lá de Alta Floresta: “Olha, aqui tem uma pessoa intoxicada com tamaron, com tordon. O que eu faço?” Não tem! “Eu posso levar aí?” Levar aonde? Atende aí. Atende aí. Então, eu acho que é uma coisa incrível para discutirmos - as agudas. As crônicas vão desde distúrbio psiquiátrico, neurológico, desreguladores endócrinos - tem agrotóxico que dá diabete, dá problema de tireoide -, teratogêneses, que causa malformação, anencefalia, espinha bífida, malformação.

Mato Grosso é um dos Estados, o único que tem - sabem o quê, Sr. Deputado? - uma Associação de Paciente de Espinha Bífida, que é uma malformação que dá no final da coluna. Uma Associação Estadual, que funciona lá no Hemocentro sua sede, de tanta malformação que tem no Estado de Mato Grosso. Que é notificado como outra coisa, como um distúrbio neurológico, uma malformação e o médico não coloca a causa.

Está aqui: carcinogênico, vários causam câncer, inclusive aqueles proibidos - vinte e dois proibidos na União Europeia - e estão lá.

Peguem o *Diário Oficial*, está escrito lá no *Diário Oficial* da União Europeia, câncer de mama, ovário, próstata, testículo, esôfago, intestino, tumor de Wilms, que dá muito em criança, que é o problema renal. E, se formos ver, alguns problemas renais crônicos, façam um levantamento, como nós estamos fazendo, dos que estão nos centros de hemodiálise, quantos que vieram do interior, quantos usavam, trabalhavam com o agrotóxico que são nefrotóxicos.

Essa discussão se causa sintoma agudo ou sintoma crônico, Sr. Deputado, não é de hoje. Não foi o Pignati que inventou, não foram os pesquisadores brasileiros que inventaram. Está aqui a OPAS-Organização Pan-Americana de Saúde, desde 1996, tem toda a classificação dos organofosforados, organoclorados, piretroides, nitrofenóis, herbicidas, as intoxicações agudas e as intoxicações crônicas que causam, teratogênicos, que é má-formação, câncer de mama, de próstata, de ovário, e inclusive consegue localizar aquele tipo de agrotóxico o que dá.

Aqui os agrotóxicos, como eu falei. São quatorze agrotóxicos que estão em revisão pela ANVISA, que são os mais usados no Brasil e em Mato Grosso. Está aqui o que eles causam: toxidade disso, disso e daquilo. O único que ainda está em revisão e que não é proibido na União Europeia é o glifosato. Mas ele está em revisão no Brasil. O resto tudo lá na Comunidade Europeia: proibido, proibido e proibido.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR O IMPACTO DO USO DO AGROTÓXICO
NA VIDA DAS MULHERES E DO MEIO AMBIENTE, REALIZADA NO DIA 06 DE MARÇO
DE 2013, ÀS 14:00 HORAS.

Nos nossos alimentos... Eu acho que o pessoal da Assembleia Legislativa tinha que pedir para o pessoal da Vigilância Sanitária do Estado vir mostrar a última pesquisa, que é de 2010, dos alimentos colhidos aqui em Mato Grosso, porque o Ministério da Saúde colhe amostras no Brasil todo, em todas as Capitais, em todas, inclusive Cuiabá. Mas os últimos dados são de 2010. Os dados de 2011, o Ministério ainda não divulgou por causa daquela discussão que está tendo dentro da ANVISA de técnicos que falsificaram documentos. Tem toda uma intervenção lá do Ministério Público na ANVISA Federal. E falsificaram, Srs. Deputados, os documentos para liberar os agrotóxicos, sem passar por todos os testes necessários, Sr. Deputado. Está lá falsificado. Ainda bem que está sob intervenção. Mas estão aqui os dados de 2010.

Quantos alimentos não poderíamos estar comendo aqui em Mato Grosso? Se nós pegarmos aqui, é do Brasil, está lá: alface - 54% nós não poderíamos estar comendo; cenoura, 49%; pimentão, 90%; abacaxi, 30%. E está semelhante em Mato Grosso, está aqui em Mato Grosso: das setenta e oito amostras colhidas em Mato Grosso vinte e quatro estavam insatisfatórias, acima do limite permitido de agrotóxicos, acima! Façam a conta de quanto dá. Quarenta e seis estavam satisfatórias, mas tinha resíduo abaixo do limite permitido. Quer dizer, tinha resíduo.

Nós falamos assim: “Ah, mas, isso é permitido.” É como muitas jornalistas me perguntam na pesquisa do leite materno: “Quanto é permitido, professor, do nível de resíduo no leite materno? Eu falo: “Pô, até agora não! Nem nacional nem internacional.” Mas do jeito que vai, daqui a pouco vai ter limite de agrotóxicos no leite materno. “Quanto é no ar, professor?” Não tem limite nacional nem internacional. “Quanto é na chuva, professor?” Não tem limite nacional nem internacional.

Agora, daqui a pouco vai ter. Porque quarenta e seis em dois terços das amostras daqui de Cuiabá estavam abaixo do limite, mas tinham agrotóxico. Apenas oito amostras não tinham resíduos, de setenta e nove. Está lá no site. E qual tipo de agrotóxico? Está lá no site. Tem que ir lá pegar e ver o que nós estamos comendo no nosso supermercado e ninguém está fazendo nada.

Aqui as intoxicações no Brasil, que estão aumentando de vinte e cinco mil para sessenta mil. Quadruplicaram as intoxicações agudas em cinco anos. E aumentou mais nas mulheres, Sr. Deputado. Está aqui: as mulheres passaram de 0,92 -quer dizer, um caso para mil trabalhadoras - para 2,95, quase 3. Enquanto que nos homens passou de 1,49, 1,50 para 3. As intoxicações para cada mil trabalhador homem dobraram nesses cinco anos; e as de mulher triplicaram.

Aqui, quando nós distribuimos intoxicações agudas por regional de Saúde, em Mato Grosso, que tem quatrocentas e setenta e uma intoxicações, está lá, onde tem mais? Onde usa mais agrotóxicos, está lá Tangará da Serra, Sinop, Cuiabá não usa mais, recebe muito. Está aqui Rondonópolis, é o que tem mais. E quando ocorre mais isso? Justamente no período da safra, na intersafra, quase não ocorre, diminui bastante o número de casos.

Nós temos muitos trabalhos para discutir, não temos mais tempo para discutir aqui, mas essa questão do câncer agrotóxico, da má-formação agrotóxico, do aborto agrotóxico está bastante discutida. São aqui dezenas de trabalhos nossos desenvolvidos aqui.

E onde ocorre mais isso aqui?

Sr. Deputado, vários trabalhos e vários alunos nossos de mestrado, onde tem maior incidência de aborto, má-formação, câncer dos vários tipos de câncer.... Duas alunas do ano passado atenderam agrotóxicos e câncer, duas sobre má-formação e câncer; e uma há dois sobre agrotóxico e câncer, defendeu inclusive na Escola Paulista de Medicina em São Paulo. Justamente nas três regiões maiores produtoras. Eu estou falando em incidência, Sr. Presidente. Eu estou falando em número absoluto. “Ah, mas essa região tem mais população.” Mas nós dividimos pelo número de

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR O IMPACTO DO USO DO AGROTÓXICO
NA VIDA DAS MULHERES E DO MEIO AMBIENTE, REALIZADA NO DIA 06 DE MARÇO
DE 2013, ÀS 14:00 HORAS.

habitantes. Então, justamente nessas três regiões que mais têm incidência, não é número de casos, é incidência. Quando divide leva em consideração a população.

E aqui, num Estado como um todo, quando nós pegamos o Estado como um todo - isso aqui já está publicado em livro, no livro inclusive de Epidemiologia e Saúde, da Rouquayrol - está aqui: para cada mil crianças que nascem, há dez anos, eram cinco casos com má formação. Hoje, foi para quantos? Quatorze. Triplicou! Nós estamos levando em consideração o número de crianças, era cinco e foi para quatorze, triplicou.

Mas o que quer dizer isso?

E onde pega os trabalhos nossos de mestrados e doutorados, o Sr. Eder está aqui, conhece vários e está lá. Tem uma aluna nossa lá atrás, a Chinarlei, nossa aluna do mestrado que está justamente estudando de onde vêm os casos de crianças internadas no Hospital do Câncer. Pergunta para ela, Sr. Deputado, de qual região que vem?

Outra aluna fez da onde que vêm os casos, e é justamente dos locais que mais usa o agrotóxico e o veneno.

Aqui foi um trabalho que nós fizemos em Lucas do Rio Verde, onde colocamos... Já terminamos, colocamos: coletor de chuva, de ar e coletando as águas dos poços. Por exemplo, em Lucas do Rio Verde e Campo Verde nós fizemos isso.

Das escolas: nas escolas no centro da cidade, uma interface urbana e rural e duas escolinhas rurais. Chuva! Está lá, depois nós analisamos, vinte e sete tipos de agrotóxicos. Está lá a quantidade de agrotóxicos na chuva.

Analisamos o ar que as crianças e os professores estão respirando, nós colocamos o coletor de ar. Isso porque nós monitoramos durante dois anos e as professoras de Biologia e os alunos tomavam conta desses equipamentos. E nós vimos lá, toda semana nós tínhamos trabalhadores e pesquisadores nosso na área.

Está lá a quantidade de agrotóxico no ar que os professores e alunos...

Coletamos cem de urina. Antes disso na água, a água dos poços artesianos, 88%, inclusive está esse resumo todo num documento que vamos entregar à Assembleia Legislativa e ao Deputado Ademir Brunetto.

Tem aqui o pedido das nossas reivindicações, mas tem o documento técnico e 83% dos poços artesianos estavam contaminados, tanto em Lucas do Rio Verde, como em Campo Verde.

E nas escolinhas rurais, quando nós separamos, 100%, porque está a cinco metros, dez metros da plantação de soja, de milho e de algodão. Então, vai contaminar e as crianças e os professores estão bebendo a água direto.

E aí na chuva deu agrotóxico no ar, deu agrotóxico. No sangue, nas urinas dos professores que nós tiramos, nós comparamos com o sangue e a urina dos professores rurais e urbanos. Dos professores rurais que nós separamos, aqueles que moram e trabalham na zona rural, por exemplo, de São Cristóvão, que pertence a Lucas do Rio Verde, 30 quilômetros antes de chegar, pegamos lá o nível de agrotóxico. Nós analisamos oito tipos de agrotóxicos e apareceram seis tipos no sangue e na urina. O nível de agrotóxico dos que moram e trabalham na zona rural é o dobro dos que moram na zona urbana. Por que na zona urbana, também, tem? Porque vem pelo ar, pela chuva e os postos, também, estão contaminados na cidade. Na cidade, também! Então, assim vai!

E o leite materno! Pegamos uma aluna que fez dissertação no Mestrado e analisou 20% das mulheres que amamentavam em Lucas do Rio Verde que deram sessenta e duas mulheres. Isso deu a maior repercussão em nível nacional, internacional, porque as pesquisas sobre resíduo do leite materno são em uma, duas, dez mulheres. Nós pegamos 20% das que estavam amamentando.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR O IMPACTO DO USO DO AGROTÓXICO
NA VIDA DAS MULHERES E DO MEIO AMBIENTE, REALIZADA NO DIA 06 DE MARÇO
DE 2013, ÀS 14:00 HORAS.

Então, isso deu uma repercussão muito grande, porque é uma pesquisa bastante significativa. Estão lá os resíduos de agrotóxicos no leite materno dessas mulheres.

Está aí do leite: sessenta e duas mães - 100% delas com agrotóxico, que é um DDE, derivado de DDT. Mas aí falam assim: “Pignati está chutando!”. DDE, que é um derivado de DDT, não se usa mais, mas se usou até 1985 no Brasil, em Mato Grosso e até 1998 para controle de saúde pública, para controle de endemias que ficam no leite.

E esse segundo, o endosulfan, que se usa até hoje, que é um clorado. Está lá: em 44% das mulheres estava presente o endosulfan e assim vai.

Deltametrina, que se usa muito, 37%.

Pulverização aérea: uma das alunas minhas fez um Mestrado e aí entram as mulheres de novo.

Doenças respiratórias agudas em crianças menores de cinco anos em Lucas do Rio Verde: ela foi e ficou por um ano pesquisando em ambulatório, Pronto-Socorro. As crianças que moram mais próximas à lavoura é que têm doenças respiratórias: asma, pneumonia, bronquite. No período que mais pulveriza esse número dobra e em alguns locais, em algumas comunidades triplica por quê? Vários agrotóxicos, principalmente os piretroides, são irritantes pulmonares. Eles estão respirando, vai dar asma, as mulheres vão cuidar das crianças e não sabe por que. Mais um trabalho para as mulheres que são as cuidadoras da saúde.

Está aí! Nós fizemos isso em sapo, em peixe...(NESTE MOMENTO O ORADOR APONTA PARA O *DATASHOW*) - depois discutiremos -, em minhoca, também, dá problema. Em Lucas do Rio Verde já tem trabalho nacional e internacional publicado sobre isso, má-formação em sapo, em peixe, em minhoca. Mata minhoca... O Glifosato 2,4-D mata minhoca. Tem todo um trabalho que foi feito com o solo contaminado em Lucas do Rio Verde, juntamente com a Fiocruz.

No Pantanal...

Isso eu já apresentei no Congresso Nacional e não estou esperando muita coisa. Eu espero que o Deputado Ademir Brunetto possa encaminhar para frente, para os nossos Deputados Federais, de como está a contaminação do Pantanal.

Uma das pesquisadoras está aqui presente, a Dr^a Débora Calheiros, da EMBRAPA de Mato Grosso do Sul, Campo Grande. Está aqui outro trabalho dela - Calheiros; está aqui outro trabalho dela - Calheiros, juntamente com a Dr^a Eliana Cunha e o Marcelo, do Laboratório de Química, que pesquisou os resíduos agrotóxicos de todos os rios que abastecem o Rio Paraguai, nas nascentes e nas desembocaduras.

Não é, Débora?

Desde o rio... Está aqui: Jaru, Sepotuba, o próprio Rio Paraguai, Rio Cuiabá, São Lourenço, Vermelho, Coxim, Rio Apa, Rio Negro, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

Vão ver as pesquisas, inclusive, algumas delas - não é, Dr^a Débora? - já publicadas em revistas internacionais. Agora, ela está aqui conosco, com muita alegria, na Universidade Federal de Mato Grosso. Ela está lá.

Esse é o nível que foi achado nos rios antes das chuvas e depois das chuvas, o sedimento.

Eu até perguntei no Congresso Nacional, no ano passado: onde vai parar isso? Onde sai o Rio Paraguai? “Ah, sai lá em Buenos Aires.” E muitos riram e falaram: “É bom, porque vai até intoxicar nossos irmãos argentinos.”. Essa rixa nossa com os argentinos. Risadinha que eu acho que...

E não tomaram, ainda, nenhuma providência sobre isso!

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR O IMPACTO DO USO DO AGROTÓXICO
NA VIDA DAS MULHERES E DO MEIO AMBIENTE, REALIZADA NO DIA 06 DE MARÇO
DE 2013, ÀS 14:00 HORAS.

Não é, Débora?

Já terminando estão os transgênicos, que é um grande problema que teríamos que discutir.

Depois, as reivindicações nossas que estão escritas no documento que, ao término das falas, faremos juntamente com a Itelvina e outros a leitura.

Para terminar: nós queremos realmente um novo modelo de saúde, de agricultura e de vida e a implantação que nós chamamos da vigilância desse desenvolvimento que está aí.

Aí está uma foto que nós tiramos de uma criança que participou do nosso 1º Seminário Estadual contra Agrotóxico, juntamente com mãe que está ali, que serviu de capa do livro que nós apresentamos no Congresso Mundial de Nutrição.

Está aqui o livro que já está escrito em inglês e espanhol. Está aqui! Apresentamos no Congresso Mundial de Nutrição e vem com essa foto na capa.

Obrigado! (PALMAS)

O SR. PRESIDENTE (ADEMIR BRUNETTO) - Professor Pignati, contra dados e números não há muito o que contestar. Temos que analisar.

Os fatos expostos têm fundamento científico, pesquisas reconhecidas por profissionais que têm que ser objeto de debate contínuo.

A vida é mais importante que tudo!

Parabéns pela coragem de fazer essa discussão, esse enfrentamento!

A sociedade tem que rebater profundamente isso!

A sociedade tem que fazê-lo!

Depois, queremos falar separadamente para alguns encaminhamentos, nesta Casa de Leis, na Comissão de Meio Ambiente, Recursos Hídricos e Recursos Minerais e na Comissão de Agropecuária, Desenvolvimento Florestal e Agrário e de Regularização Fundiária para a Secretaria de Desenvolvimento Rural e Agricultura Familiar que deve ter esses materiais, mas que, pelo menos, faça encaminhando a esta Casa já que esta Audiência Pública está sendo promovida por esta Casa.

Enfim, é de arrepiar, mas o debate é necessário e, também, é necessário avançarmos.

A nossa próxima palestrante - o tempo ficou um pouco mais reduzido, porque não tínhamos como pedir ao Professor Pignati reduzir o seu tempo (PALMAS).

Então, sacrificamos a Srª Madalena e o João Inácio.

O seu tempo vai encurtar um pouquinho. Não vamos lhe tirar a palavra.

Com a palavra, a Srª Madalena Rodrigues dos Santos.

A palavra é sua. Seja objetiva e mais breve possível.

A SRª MADALENA RODRIGUES DOS SANTOS - Boa-tarde!

Eu quero cumprimentar todos os integrantes da mesa; cumprimentar principalmente as mulheres do MST, que estão aqui, mulheres trabalhadoras rurais, com quem nós temos a possibilidade de falar várias vezes ao ano.

Gente, eu só queria fazer um depoimento: De tanto o Pignati e a Itelvina falarem de agrotóxico, eu já estou me sentindo mal.

Só de discutirmos o agrotóxico, Deputado, já faz mal, imagina para quem o ingere! Como está a nossa vida!

Eu quero começar falando aqui, já que o tempo é curto, que nós mulheres temos uma grande preocupação e um grande interesse nessa discussão, porque do Século XX para cá, por meio de uma vasta literatura que saiu escrita por mulheres, colocando-nos como protagonistas da

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR O IMPACTO DO USO DO AGROTÓXICO
NA VIDA DAS MULHERES E DO MEIO AMBIENTE, REALIZADA NO DIA 06 DE MARÇO
DE 2013, ÀS 14:00 HORAS.

nossa própria história e da história da humanidade, descobrimos que nós mulheres fomos as pessoas que inventaram a agricultura. Isso aí nós temos uma série de pesquisadoras de livros que coloca. E hoje nós estamos vendo que a nossa agricultura, aquilo que gera vida, está sendo realmente tratada para destruir a vida.

Eu gostaria de perguntar neste Auditório: Qual a mulher, que está aqui, que não é responsável pela alimentação diária da sua família?

Tem alguma aqui que não é? Tem algum homem aqui que é responsável para colocar comida na mesa todo dia, elaborar aquela comida e colocar ali para a sua família comer?

Isso aí, por mais que tenhamos avançados nas nossas discussões, na equidade de gênero que lutamos tanto, ainda é responsabilidade da mulher.

O Prof. Pignati colocou aqui: “a mulher que cuida da vida, da saúde”. E nós mulheres, que cuidamos da vida, da saúde, o que é que estamos colocando todos os dias na mesa para que a nossa família coma? Alimentos com agrotóxicos, água com agrotóxicos. Nós estamos pagando caro por isso.

Se vocês forem ao mercado, por estes dias, vão ver o aumento que teve na alimentação. O preço maior é dos agrotóxicos que estão ali no peso. Vai cobrando, custava três reais o feijão, com os agrotóxicos que colocam já passou para cinco reais e assim nós vamos pagando os agrotóxicos que consumimos. Não é verdade?

Nós falamos de violência, sociedade e violenta, e acostumamos a olhar para a violência àquela que bate; que fere; que mata e esquecemos dessa violência tão grande quanto nós pessoas humanas e, principalmente, nós mulheres, quando chegam comida, água contaminada a nossa mesa, a nossa casa.

E nós estamos ali, as crianças com fome, a família com fome... Muitas vezes, nós chegamos do trabalho fora de casa e quando chegamos, ainda, vamos fazer a comida, vamos colocá-la à mesa. Uma comida com qual qualidade, gente? E as nossas crianças estão ali esperando qual tipo de alimentação? Uma alimentação saudável. E nós estamos ali fazendo uma alimentação que pode ser até a morte das nossas crianças, dos nossos filhos, das nossas filhas ou nossa.

Hoje a situação está essa. Uma grande preocupação e que nós mulheres, talvez, não tenhamos essa preocupação, a não ser as mulheres do campo. Porque das mulheres daqui, eu vejo muita pouca as mulheres cidadinas, como as chamamos aqui. É preocupação de lá, é preocupação das pessoas trabalhadoras rurais, das campesinas, como disse a minha querida Itelvina, das mulheres do MST, e nós mulheres da cidade só vamos comendo o que vai chegando sem analisar, sem perceber que tipo de alimentação nós estamos comendo.

Em 1993, portanto, vai fazer vinte anos, nós fizemos um trabalho em Cuiabá com a Rede Mulher de Educação, que nós chamamos de “Alimentando a Vida”, Pessoas da Universidade foram poucas; da sociedade, aqui, de algumas organizações, nós tivemos, também, algumas pessoas, porque não foram. Nós convidamos, por exemplo, a medicina, mas o pessoal quase não tem tempo para isso; a agronomia também não foi; algumas pessoas da nutrição, da enfermagem e do serviço social foram, enfim alguma coisa.

E nós discutimos depois com a Moema Vieis que a nossa oficina chamava “Alimentando a Vida” e os homens não foram porque alimentar a vida não é coisa de homem, é coisa de mulher. Só estavam presentes três homens na nossa oficina de mais de sessenta pessoas, porque esse caso nos compete, não compete aos homens de certa forma.

Então, hoje nós já vamos completar o quê? Vinte anos.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR O IMPACTO DO USO DO AGROTÓXICO
NA VIDA DAS MULHERES E DO MEIO AMBIENTE, REALIZADA NO DIA 06 DE MARÇO
DE 2013, ÀS 14:00 HORAS.

Moema Vies hoje se dedica ao trabalho com as águas, pois sabemos da situação das águas do nosso planeta e da situação das águas aqui de Mato Grosso.

Como eu tenho pouco tempo de fala, eu quero lembrar essa questão da violência que nós falamos todos os dias, da alimentação que estamos pagando cara por ela e ingerindo doenças, não é mais saúde.

Hoje, eu gostaria de pensar junto com vocês essa questão: Nós mulheres somos geradoras e cuidadoras da vida. É hora de nós repensarmos: que vida nós estamos gerando? Que cuidado nós estamos tendo? Estamos trazendo, fazendo, trabalhando dentro da nossa casa alimentos altamente contaminados pelos agrotóxicos?

Eu gostaria de fazer uma proposta, porque não discuti as propostas com a Itelvina, com o Pignati, mas se estamos aqui, Deputado, nessa discussão, eu quero fazer uma proposta às mulheres e aos homens que gostam muito das mulheres e que possam estar juntos conosco: Que tal se nós fizéssemos uma reivindicação neste País, nós inseminássemos essa ideia para que ela fosse realmente trabalhada, discutida, refletida de um dia sem alimento por uma vida com alimento saudável. Eu acho que nós parariamos este País. Um dia sem alimentação. (PALMAS).

E aí nós iríamos ter uma repercussão diferente nessa sociedade quando nós mulheres recusássemos a colocar na nossa mesa produtos tão caros, com alto custo, como estamos tendo, com a quantidade tão grande de agrotóxicos como foi colocado aqui. Nós estamos de uma certa forma compactuando com essa sociedade que só deu lucro. E nós vamos pegando as comidas cheias de agrotóxicos e colocando na nossa mesa. E hoje, cada dia mais, a vida está cara, a alimentação está cara, o nosso salário cada dia menor, e nós colocamos cada dia mais, com o nosso pequeno salário, minguado salário, alimentos de péssimas qualidades a nossa mesa, dando para os nossos filhos, para as nossas filhas, para as pessoas doentes.

Como faz, Pignati, Doutora Débora, que também está aqui, quando as pessoas estão doentes e fala para alimentar diferente e nós damos uma alimentação dessa? Como fazemos? Nós estamos contribuindo para que ela sare ou que ela morra mais depressa com a alimentação? Eu acho que essas coisas ...

(PLATEIA SE MANIFESTA - INAUDÍVEL)

A SR^a MADALENA RODRIGUES DOS SANTOS - Nós, cuidadoras da vida, tem criança... Quando eu tive o meu filho eu o alimentava de três em três horas, e eu estava ali naquele tempo - até que não é muito, meu filho vai fazer vinte e seis anos.

A Portilha está ali. Prazer em revê-la.

Então, de três em três anos hoje uma mulher pode estar colocando leite contaminado na boca do seu filho. Para acabar com a fome dele nós matamos mais depressa. Certo? Acabou! Matou e não tem jeito mais de estar reclamando, de querer alimentar e tal.

Pessoal, essa questão é muito séria. Se na divisão sexual do trabalho passou para nós mulheres que nós somos geradores da vida, cuidadoras da vida, e nesses espaços são poucas as mulheres que conseguem dividir com os homens, ficam mais para nós mesmas.

Vamos dar um basta nessa alimentação tão cheia de agrotóxico e vamos dar um viva à vida, reivindicando a Assembleia Legislativa, as autoridades competentes, que pensem em nós como pessoas humanas que merecemos uma vida sem agrotóxico. (PALMAS)

O SR. PRESIDENTE (ADEMIR BRUNETTO) - A Professora Madalena foi curta e grosso! (RISOS) Grossa na direção. Objetiva.

Desculpem-me a brincadeira, mas foi para quebrar...

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR O IMPACTO DO USO DO AGROTÓXICO
NA VIDA DAS MULHERES E DO MEIO AMBIENTE, REALIZADA NO DIA 06 DE MARÇO
DE 2013, ÀS 14:00 HORAS.

Agora nós teremos o João Inácio, representante do Comitê Estadual da Campanha Permanente contra o Uso de Agrotóxicos pela Vida, cientista muito renomado e qualificado para nos palestrar.

O SR. JOÃO INÁCIO - Deputado Ademir Brunetto, autoridades, companheiros e companheiras que estão hoje nesta Audiência Pública para que possamos fazer esse debate aberto sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde humana e no meio ambiente.

Eu gostaria de focar a minha fala, para não repetir muito as falas dos demais, já que vamos entregar uma carta, como já anunciou o Pignati, em nome do Comitê da Campanha Permanente contra o Uso de Agrotóxicos pela Vida, juntamente com o Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra-MST e com o FORMAD, que é o Fórum Mato-grossense de Meio Ambiente e Desenvolvimento, que eu represento também, com os pesquisadores da UFMT, nessa preocupação em relação à saúde e ao meio ambiente devido ao uso de agrotóxicos nas lavouras e para propor medidas de controle e de fiscalização cobrando dos senhores Deputados Estaduais maior comprometimento com o meio ambiente e com a saúde da população expostas à agrotóxicos.

Não vou ler toda essa carta, já que o tempo é demasiadamente curto, e quero me resumir aos dados que nós do FORMAD estamos fazendo em torno de dois municípios produtores de etanol e soja, que são Barra do Bugres e Lucas do Rio Verde, esse um dos municípios de maior produção de soja.

Vou falar um pouco sobre a cana-de-açúcar em Barra do Bugres, onde estamos fazendo os nossos estudos mais específicos, onde tem duas usinas a Barralcool e a Itamarati, cada município com cerca de quarenta mil a setenta mil hectares. Essa região se situa justamente na região da cana, que é da Bacia do Alto Paraguai. Temos os municípios em azul, dependendo da quantidade de cana-de-açúcar que produz nesses municípios - podemos ver que justamente em Nova Olímpia e Barra do Bugres são onde se tem a maior incidência de produção -, região que se situa justamente na Bacia do Alto Paraguai, que é a área de recarga do aquífero guarani que também abastece toda região do Pantanal. O zoneamento da cana-de-açúcar proibiu em 2009 que se plantasse mais cana-de-açúcar nessa região pela seguinte razão: o Pantanal é irrigado pela Bacia do Alto Paraguai e a poluição causada pelas usinas foi o motivo principal dessa exclusão dessa zona. Além disso, 80% da produção da cana-de-açúcar de 2009 ocorria em locais impróprios, justamente essa Bacia do Alto Paraguai.

O Pantanal é reconhecido como Patrimônio Nacional pela Constituição, uma área úmida de importância internacional na Convenção Ramsar, da ONU, um patrimônio natural da humanidade e reserva da biosfera.

Podemos perceber que nessas áreas de maior concentração há também uma grande concentração de poder econômico e político. Esses municípios são governados há décadas e décadas pelos próprios usineiros. Portanto, eles são os fiscais de si mesmos, o que causa problemas de fiscalização e acompanhamento dos impactos causados pela produção. As áreas de cultivo de cana pertencem a esses usineiros.

São bastante dados que eu tenho para apresentar e tenho que resumir um pouquinho.

Em relação ao meio ambiente, constantemente há vazamentos de vinhaças, que são resíduos consequentes da produção de etanol. Para cada litro de etanol, temos em torno de doze a quatorze litros de vinhaça que são produzidas. Houve um vazamento mais forte em 2007 na Usina Itamarati que atingiu o Rio Bugres e Quebra Cadeiras até o Córrego Bracinhos. Houve uma grande mortandade de peixes, de aves, de animais, como tartarugas e até mesmo jacarés, que são bastante

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR O IMPACTO DO USO DO AGROTÓXICO
NA VIDA DAS MULHERES E DO MEIO AMBIENTE, REALIZADA NO DIA 06 DE MARÇO
DE 2013, ÀS 14:00 HORAS.

resistentes, segundo depoimentos que nós colhemos entre os Umutinas, entre os assentados e pescadores daquela região.

É interessante dizer que apesar desse acidente ter acontecido dia 29 de julho, só notificaram a SEMA seis dias após esse vazamento, quando já foram encontrados peixes mortos há uma distancia de vinte e dois quilômetros. Já faz seis anos e até agora não houve nenhuma providência, nenhuma multa aplicada e nenhum ressarcimento dos prejuízos causados.

O Ministério Público solicita que a empresa seja impedida pela Justiça de transportar em suas tubulações, bem como despejar a vinhaça a menos de quinhentos metros de córregos ou rios.

A poluição que é causada tanto pela vinhaça como pelos agrotóxicos polui os rios.

Podemos ver aqui no desenho que a minha direta há uma lagoa normal. Veja que a luz penetra facilmente porque há grande nível de oxigênio, pouco crescimento de algas e muita diversidade de peixes. Ao passo que, numa lagoa que está eutrofizada, há um aumento nível de nutrientes, pouca penetração de luz, pouco oxigênio, as águas são turvas, há um alto crescimento de algas, a água fica mais ácida e há pouca diversidade de peixes atingindo aí a cadeia alimentar.

A torta de filtro e vinhaça também provocam outra praga para a população, que é essa mosca do estábulo. Os Umutinas e os camponeses se queixam muito, bem como o povo da cidade, da presença dessa mosca que se reproduz na torta de filtro da produção do etanol, como também aqui vocês veem a forma como esta vinhaça é utilizada para fertilização nas lavouras de cana. Ela corre a céu aberto pelos canais em que são colocadas. Isso, então, é uma forma alta de contaminação, além dos agrotóxicos que são jogados de avião. Há também o problema da poluição, das queimadas ainda muito fortes. Mesmo quando há a colheita com máquinas também se faz queimadas. Com isso, a cada ano que chega essa época há o aumento de doenças respiratórias no período dessas queimadas.

Outro caso que nós estamos estudando é a questão da soja, mais especificamente nós plantamos em Lucas do Rio Verde por ser a maior área, o maior município produtor de soja. E no protótipo de toda a situação da produção de soja, que cresce estrondosamente no Brasil, especialmente aqui em Mato Grosso, assim com também a cana está numa área da Bacia do Alto Paraguai, a soja é produzida justamente no cerrado e podemos perceber que não só o rio Paraguai é contaminado, mas sim oito das onze bacias hidrográficas são atingidas pela soja que é plantada na região do cerrado. Então, Mato Grosso, que é maior celeiro do mundo de *commodities*, é também o maior exportador de agrotóxico, de poluição para todos os cantos da América Latina praticamente. Faz sentido, não é?

Outro problema que percebemos é em relação ao desmatamento, que já se diz que está sob controle. Fomos ao Município de Lucas do Rio Verde, em 2012, e de duzentos e sessenta e seis dos trezentos e sessenta e quatro mil hectares plantados, 73% é soja. Ainda têm outros cultivos, as áreas de preservação. Quer dizer, onde fica então essa preservação que deve ser feita por lei na região Amazônica de 80% e no cerrado de 50%? Então, há uma conta que não fecha de certificação de que estão dentro da lei na preservação das reservas, como as APPs.

Então, aí temos o grande mote da exportação da soja, milho e frangos. Vejam a curva como está ascendendo rapidamente nessa região. E tem também a volta, a importação de alimentos, em todas as regiões que nós pesquisamos, não só em Lucas do Rio Verde, como também em Barra do Bugres e aqui em Cuiabá, 70% a 80% da produção de alimentos é importada de Curitiba e de São Paulo. É uma outra problemática da segurança alimentar.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR O IMPACTO DO USO DO AGROTÓXICO
NA VIDA DAS MULHERES E DO MEIO AMBIENTE, REALIZADA NO DIA 06 DE MARÇO
DE 2013, ÀS 14:00 HORAS.

A participação dos assentados, sindicatos, associações de municípios. Vejam que apenas 10% da área, essa imensa área que é fértil, que é de produção agrícola de Mato Grosso é ocupada pela agricultura familiar camponesa. E em relação aos outros Estados do Brasil, veja que Mato Grosso é um dos Estados que tem menos agricultura familiar, apenas 0,22% do campesinato brasileiro está em Mato Grosso. Então, isso é uma preocupação muito grande.

Quais são as consequências disso tudo? Os assentados vivem muito distante da infraestrutura. Não tem infraestrutura e estão distantes dos centros de produção, cerca de 70 a 80 quilômetros sem asfalto, não conseguem escoar a sua produção, além disso não conseguem acesso aos programas de financiamento.

Pode passar, porque é muita coisa.

E o mais curioso que nos chamou atenção nessa pesquisa é que, onde há maior concentração do agronegócio, os programas do Governo Federal que devem ser acessados pelos municípios não funcionam, como o PA - poucos municípios conseguem atingir a meta -, o PNAE, o PRONAF. É uma coisa incrível!

Então, há uma necessidade de fazermos uma mudança de importância na questão do modelo de produção. Pode passar.

As consequências são Cuiabá é uma das poucas cidades da Copa onde não existe uma feira agroecológica sequer, ao passo que no Rio de Janeiro temos vinte e cinco; em Brasília, vinte; em Recife, dezoito. E o mercado de orgânicos no Brasil cresce 20% anualmente. Noventa mil produtores no Brasil são em 90% de agricultores familiares.

Há um retrocesso na legislação, como o Pignati já nos mostrou, podemos passar adiante, na legislação que foi alterada da questão da liberação do uso dos agrotóxicos que já são banidos em outros Países. Pode passar.

Os impactos sobre saúde também já foram apresentados. Só quero repetir que ouvimos muito em depoimentos de pessoas que trabalham com saúde popular que confirmam que há um aumento muito grande de problemas de refluxo entre as crianças por causa dos agrotóxicos. O número de bebês com refluxo cresceu muito nos últimos anos devido ao uso de agrotóxicos.

Também houve um aumento de doenças de pele nos períodos de aplicação dos agrotóxicos. Essa é uma das queixas que mais ouvimos nesses depoimentos dos agricultores. Pode passar, também já foi falado.

Os principais aspectos da insustentabilidade da produção. A inviabilização da agricultura familiar e a marginalização do produtor, gerando insegurança alimentar.

Não níveis seguros, como já falou o Professor Pignati, do uso de agrotóxicos, de aplicação de agrotóxicos.

Na questão do biodiesel, as empresas, para que as empresas possam exportar elas precisam de selo, mas para terem o selo elas precisam que 15% da produção de soja sejam de agricultores familiares. E o que sucede? O agronegócio vai entrando nos assentamentos e acontece uma reforma agrária ao revés, quando novamente as terras são retomadas pelos grandes para o plantio. Elas são compradas ou, então, arrendadas para o plantio da soja.

Setenta por cento das safras de 2011 e de 2012 foram de soja transgênica.

Sobre os principais impactos que eu queria colocar são esses, mas poderia me estender muito mais.

Eu quero, então, apresentar as reivindicações que nós, do Comitê do MST, dos professores de pesquisa da UFMT e da FORMAD, queremos fazer a esta Casa.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR O IMPACTO DO USO DO AGROTÓXICO
NA VIDA DAS MULHERES E DO MEIO AMBIENTE, REALIZADA NO DIA 06 DE MARÇO
DE 2013, ÀS 14:00 HORAS.

Diante do exposto nós elencamos as seguintes propostas: o cumprimento das legislações sobre produção, registro, revenda e aplicação de agrotóxicos nas lavouras do Estado; proibição do uso e aplicação de agrotóxicos em Mato Grosso proibidos na União Europeia; implantação no Estado a vigilância à saúde de populações expostas a agrotóxicos; implantar no Estado e municípios as ações de vigilância em saúde ambiental e saúde do trabalhador; implantar em Cuiabá um Centro de Atendimento e o Laboratório Estadual de Toxicologia à saúde dos trabalhadores, poluições ambientais e populações expostas aos agrotóxicos; melhoramento da qualidade dos serviços de registros e notificações para intoxicações agudas e crônicas; implantação e implementação de um sistema de monitoramento de resíduos de agrotóxicos em água potável de córregos, rios, no ar, na chuva e nos alimentos; incentivo à implantação de práticas agroecológicas no Estado; cancelar os subsídios dos impostos fiscais públicos aos agrotóxicos; proibição de pulverizações aéreas de agrotóxicos, lavouras agrícolas no Estado de Mato Grosso;...

Já estão previstas duas leis que estão no Congresso Nacional que vão nessa direção da Ana Rita e do Padre João, de Minas Gerais.

...proibição de pulverizações áreas; limitação da aplicação terrestre, trator e manual, de pulverização de agrotóxicos a uma distância mínima de 500m de zonas residenciais, criações de animais, córregos e rios; proibição do uso de agrotóxicos e fertilizantes químicos na bacia do Alto Paraguai e nos principais afluentes que alimentam a planície do Pantanal; implantar e monitorar a qualidade das águas superficiais e subterrâneas nas regiões de grande produção agrícola e no Pantanal e criar campanhas pela conscientização, orientação e sensibilização da sociedade sobre a poluição ambiental e alimentar, exposição e contaminação humana relacionadas ao uso de agrotóxicos.

O Comitê está com este abaixo-assinado contra o uso de agrotóxicos e para banimento desses agrotóxicos que já estão proibidos em outros Estados e em outros países.

Nós queremos, então, agradecer a oportunidade que nos foi concebida pelo Deputado Ademir Brunetto que requereu esta Audiência Pública para debatermos sobre o uso de agrotóxicos em lavouras que impactam na vida das mulheres, homens, crianças e no meio ambiente, contribuindo com as comemorações do Dia Internacional da Mulher e da semana de luta das mulheres.

Muito obrigado! (PALMAS).

O SR. PRESIDENTE (ADEMIR BRUNETTO) - Obrigado, Sr. João Inácio.

Nós precisamos fazer uma discussão em separado, depois, para vermos a forma de encaminhamento às instituições responsáveis. Temos que desmembrar esse documento. Nem que façamos via gabinete, mas faremos. Nós faremos, porque há encaminhamentos ao Executivo, às Secretárias de Saúde, do Meio Ambiente, de Desenvolvimento Rural e Agricultura Familiar.

Temos que propor um encaminhamento desse documento às instituições que representam o setor do agronegócio para que possamos ampliar a discussão e me proponho a fazê-lo, a encaminhá-lo, enquanto representante nesta Casa.

Eu acho que o debate tem que continuar, porque tem contrapontos e nós reconhecemos que, de fato, o controle no aspecto sanitário em relação ao impacto desses defensivos da saúde humana não existe. O Governo, hoje, sequer cuida dos pacientes que buscam atendimento no Sistema Único de Saúde. O Sistema Único de Saúde está em colapso; o Governo do Estado não tem como prioridade a saúde da população de Mato Grosso e as nossas dificuldades, enquanto Parlamento, para estabelecermos um diálogo com o Governo são grandes. Nós não conseguimos resultados positivos nos encaminhamentos. Muitas vezes, dizem: “Ah, os Deputados não estão

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR O IMPACTO DO USO DO AGROTÓXICO
NA VIDA DAS MULHERES E DO MEIO AMBIENTE, REALIZADA NO DIA 06 DE MARÇO
DE 2013, ÀS 14:00 HORAS.

fazendo nada!?. Não é! Acontece que as respostas do Governo quanto aos encaminhamentos e demandas desta Casa estão muito aquém daquilo que gostaríamos.

Então, é uma luta meio solitária.

Essa discussão tem que ser da Universidade, das federações, desta Casa, das instâncias municipais. Os movimentos sociais têm que usar dessa força das massas para pressionar o Governo para implantação de políticas públicas de controle e estudo.

Enfim, é uma luta um tanto inglória, mas não podemos perder o objetivo daquilo que nós consideramos importante para as nossas futuras gerações.

Agora, concederei a palavra a alguém da mesa e, depois, abriremos a palavra à plateia.

Pode ser assim?

Vamos iniciar com o primeiro inscrito, que é o Sr. Antônio Carlos Máximo, Secretário Municipal do Meio Ambiente, representando o Prefeito Municipal, até porque ele tem um compromisso em seguida.

O SR. ANTÔNIO CARLOS MÁXIMO - Eu serei breve!

Boa-tarde a todos e a todas!

Eu quero, em nome do Prefeito Mauro Mendes, em primeiro lugar, cumprimentar as mulheres e parabenizá-las pelo dia 8 de março.

Cumprimentar o Deputado Ademir Brunetto por coordenar este debate e por ter proposto esta Audiência Pública.

A vida nos prega surpresas. É muito interessante! Eu sou professor da Universidade e, hoje, estou representando o Prefeito Mauro Mendes, aqui, num debate sobre o uso de agrotóxico e todas as implicações que ele traz.

Há exatamente quarenta anos eu estava pulverizando algodão no Norte do Paraná, quando o algodão chegou por lá, depois do café, e a pulverização era violenta, não tinha medida e não tinha regra. Nós colocávamos essas máquinas costais e aplicava aquele Isodrin 40 da Shell, que era para matar o ácaro. Era uma coisa terrível, que destruía o algodão todinho. Não tinha nenhuma consciência, pois a palavra ecologia nunca ouvia falar na escola, preservação ambiental e desenvolvimento sustentável. Essas palavras não existiam! E hoje eu estou aqui participando do debate, ouvindo e aprendendo essas informações.

Então, eu quero parabenizar o Deputado por estar conduzindo esta discussão necessária. Eu acho que ela é tensa por natureza, porque a democracia é um regime tenso. Se não tiver tensão não é democracia. A ditadura que não tem tensão. A democracia necessariamente tem tensão. E é do tensionamento, das partes que se opõe, que avançamos e saímos para uma solução posterior muito mais avançada qualitativamente.

Então, eu quero parabenizar o Deputado, em nome do Prefeito, por estar conduzindo este debate, propondo para a sociedade, envolvendo pessoas, entidades, autoridades nesse processo.

O tensionamento vai continuar entre aqueles que usam o agrotóxico de forma mais ou menos moderna, ora com cuidado, ora sem cuidado, e aqueles que defendem um desenvolvimento sustentável, uma agricultura sustentável.

Portanto, Deputado, parabéns por conduzir este debate. Eu também peço licença para me retirar, porque marquei uma audiência na minha Secretaria de Meio Ambiente com quatro ou cinco pessoas para o final da tarde. Eu gostaria de atender lá para não frustrá-los.

O SR. PRESIDENTE (ADEMIR BRUNETTO) - Muito obrigado, Máximo.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR O IMPACTO DO USO DO AGROTÓXICO
NA VIDA DAS MULHERES E DO MEIO AMBIENTE, REALIZADA NO DIA 06 DE MARÇO
DE 2013, ÀS 14:00 HORAS.

Leve o nosso abraço ao Prefeito Mauro Mendes.

Mais algum membro da mesa vai fazer uso da palavra? Senão, iremos passar a palavra à plateia. (PAUSA).

Então, vamos passar a palavra para a plateia. Nós temos uma inscrita, por enquanto, a Lucinéia de Freitas, do MST de Várzea Grande.

Se mais alguma pessoa tiver a intenção de participar, o nosso Cerimonial vai receber a inscrição e pedimos que respeitem a palavra em torno de três minutos, se possível.

A SR^a LUCINÉIA DE FREITAS - Boa-tarde, companheiras e companheiros!

O debate sobre os agrotóxicos nos remete muito a estudar, pesquisar e entender que não é só a luta contra o agrotóxico. Se algum dia o povo do agronegócio decidir, ele consegue produzir sem usar agrotóxico, como tem grandes propriedades produzindo sem usarem agrotóxicos.

É uma luta contra um modelo capitalista que utiliza várias formas de nos oprimir e tentar nos matar no cotidiano.

E o agronegócio sendo a forma que esse modelo se mostra no campo, usa o agrotóxico como uma das formas. Então, nós temos que pensar sempre que temos que construir uma outra sociedade, baseada em outros valores que, como a professora Madalena disse, nos traz a vida.

Nós precisamos nos alimentar no cotidiano de esperança e de alimento saudável que nos faça construir uma sociedade que não seja nenhum mundo capitalista, porque no capitalismo, mesmo que se pare de usar agrotóxico, vai destruir o meio ambiente; vai derrubar as árvores; vai plantar na beira dos rios; vai acabar com as nascentes, como as imagens que o Professor Pignati mostrou. Quando vemos a imagem daquela cidade, não é só o veneno, cadê os rios? Cadê os animais? Cadê o meio ambiente daquela cidade? Cadê a sombra?

Quando olhamos Cuiabá cada dia mais acinzentado, para onde vão as águas? Por isso, com qualquer garoa estamos alagados; os trabalhadores têm as suas casas carregadas pela enchente, porque não há respeito pela vida. E aí olhando a vida em todos os seus espaços: a vida vegetal ou animal, a vida dos microorganismos e a vida do ser humano.

No capitalismo não há respeito à vida. Então, nós temos que construir, no cotidiano, outra sociedade, porque na sociedade capitalista não há espaço para a vida, para a vida nossa, dos trabalhadores, e para a vida do meio ambiente.

Obrigada.

O SR. PRESIDENTE (ADEMIR BRUNETTO) - Obrigado.

Vou passar a palavra a mais um membro da mesa, Sr. Luiz Alécio, Secretário Adjunto, porque ele tem um compromisso daqui a pouco.

O SR. LUIZ ALÉCIO - Boa-tarde a todos e todas!

Eu quero cumprimentar o Deputado pela iniciativa da discussão da Audiência Pública, que é sempre muito saudável.

Eu acho que vai chegar a um ponto de equilíbrio, é necessário, como o Secretário de Meio Ambiente do Município de Cuiabá assim falou.

Eu quero cumprimentar, principalmente, as mulheres rurais pelo dia e, ao mesmo tempo, deixar à disposição na Secretaria de Agricultura do Estado, por meio do Conselho de Desenvolvimento agrícola, para que a câmara de agrotóxico possa ser discutida, também fora, Deputado, essa problemática.

No mais, agradeço a todos e colocamo-nos à disposição.

Muito obrigado. (PALMAS).

O SR. PRESIDENTE (ADEMIR BRUNETTO) - A palavra vai voltar à plateia.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR O IMPACTO DO USO DO AGROTÓXICO
NA VIDA DAS MULHERES E DO MEIO AMBIENTE, REALIZADA NO DIA 06 DE MARÇO
DE 2013, ÀS 14:00 HORAS.

Com a palavra, a Profª Débora Calheiros, que dispõe de três minutos.

A SRª DÉBORA CALHEIROS - Boa-tarde a todos!

Eu sou Débora Calheiros, da EMBRAPA Pantanal e agora estou cedida para a Universidade Federal de Mato Grosso, como o Prof. Pignati mencionou; sou mulher, estudo agrotóxico e, também, penso nisso todo dia quando dou uma cenoura ou uma batata para os meus filhos.

Eu acho que se nós fizermos um estudo de Lucas do Rio Verde: quais são os filhos que estão contaminados? Não são só de trabalhador rural, são também de produtor rural, como fazem essas distinções, são os filhos e, inclusive, no leite materno. Todos estão sendo contaminados.

Então, pelo amor de Deus, gente, quando falamos que as pessoas estão sendo contaminadas, você pode morrer de câncer daqui a cinco anos, de um problema respiratório daqui a dez anos e você não vai saber que foi por causa da contaminação, você não associar.

Os dados do Prof. Pignati são extremamente graves, com respaldos internacional e especialistas de nutrição, nós mulheres como responsáveis, como a Professora lembrou bem, pela nutrição e alimentação dos nossos filhos.

O que é isso, gente? Nós estamos contaminando os nossos filhos com o leite que nós estamos dando a eles.

Contaminação é o que? Menos saúde. Seu filho pode ficar com sequela de aprendizado e você fala: "Ah! Coitadinho nasceu assim". Não! Foi porque contaminou com agrotóxico.

Nós temos como fazer essa relação. Obvio! Onde essa criança mora? Onde essa criança nasceu e passou a maior parte da sua vida?

Eu tenho uma amiga argentina, Professor Pignati, que foi contaminada quando criança por glifosato na soja lá na Argentina. Hoje ela tem milhares de problemas. Ela tem problema de câncer no sistema linfático, tem uma doença rara que vai calcificando toda a parte dos ossos da boca - ela vai ficar sem comer - claramente identificada como contaminação por glifosato.

Na Argentina tem uma associação de pessoas contaminadas com processo contra a Monsanto.

Então, gente, não é brincadeira! Temos que mudar isso.

O ambiente está sendo contaminado, o ar, a chuva. O que é isso? Ninguém percebe?

Eu, por opção, não comeria uma comida contaminada. Mas a Senadora Kátia Abreu falou que pobre pode comer agrotóxico porque pobre não pode pagar um tomate orgânico.

Desculpem-me. Eu falo aqui também como cidadã. As pesquisas provam e comprovam. Só não vê quem não quer.

Os nossos filhos, inclusive da cidade e do campo, os filhos dos Deputados - o Deputado deve ter filho - devem estar comendo a mesma batata que a minha.

Então, é complicado e eu espero que essa Casa de Leis perceba que sem o apoio popular e sem a base científica... Como dizia Raul Seixas, "quem não tem visão bate a cara contra o muro". Todos nós, seja produtores de soja, produtores de alimentos ou não, de pecuária, cidade, campo, todo mundo está sendo contaminado, altamente contaminado neste Estados, sem um centro toxicológico, com bem se lembrou. Isso é vergonhoso! É genocídio não ter um acompanhamento de intoxicação no Estado de Mato Grosso, que é o maior produtor, que tem muito dinheiro advindo dessas produções. Não é o PIB que interessa? Não é o retorno financeiro para o Estado? Então, no

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR O IMPACTO DO USO DO AGROTÓXICO
NA VIDA DAS MULHERES E DO MEIO AMBIENTE, REALIZADA NO DIA 06 DE MARÇO
DE 2013, ÀS 14:00 HORAS.

mínimo, no mínimo, já que quer contaminar as pessoas, tenham um Centro para tratar dessas pessoas.

Obrigada! (PALMAS).

O SR. PRESIDENTE (ADEMIR BRUNETTO) - Verdade professora. Parece que isso não é responsabilidade de ninguém. É vergonhoso!

Agora vamos passar para o Sr. Paulo Moura, ex-Deputado, meu colega de Casa, um verdadeiro pantaneiro que pode nos informar sobre a contaminação do Pantanal.

O SR. PAULO MOURA - Inicialmente cumprimento todos e todas que estão aqui.

Quero especialmente, em nome da Madalena, acompanhamos essa batalhadora, essa mulher lutadora, cumprimento as mulheres pelo dia 08 de março.

Cumprimento o Deputado Ademir Brunetto, um Deputado que realmente luta por essas causas. Cumprimento pelo tema importantíssimo que Vossa Excelência levanta neste momento, sem deixar de falar das causas pelas quais Vossa Excelência vem lutando ao longo do seu mandato. Quero parabenizá-lo muito por todo esse encontro.

Quero dizer também, pelo conhecimento que nós temos - e quero aqui cumprimentar o professor Wanderlei Pignati - temos pesquisado algumas questões, vou falar rapidamente, mas talvez eu exceda os três minutos, Deputado, porque eu gostaria de falar algumas coisas aqui que acho importante, inclusive para o trabalho de Vossa Excelência.

Eu quero cumprimentar o Professor Pignati. Muito lúcida a sua palestra, com dados realmente que transcendem o nosso Estado, no nosso País, por isso quero cumprimentá-lo, Professor Pignati, pelo trabalho importantíssimo, e também o Professor João Inácio, pelo assunto que ele colocou.

Nós, ao longo do tempo que estamos fora do mandato, temos procurado estudar, até para subsidiar os Deputados em alguns temas e eu colocaria inicialmente para a Vossa Excelência, Deputado Ademir Brunetto, essa questão da cana que foi levantada pelo Sr. Professor João Inácio.

De fato, das dez usinas sucroalcooleiras do Estado de Mato Grosso - agora são nove porque Poconé, a Usina de Poconé não está mais produzindo, mas na época que estava produzindo -, das dez, nove se encontram na Bacia do Alto Paraguai.

Eu tenho absoluta convicção que mais de 80%, dos dados que o senhor colocou, na verdade estão em lugares considerados impróprios.

Poconé fechou a usina, mas, das nove restantes, apenas uma não está na Bacia do Alto Paraguai.

A EMBRAPA Agropecuária em 2009 publicou o Zoneamento da Cana-de-açúcar com uma série de restrições. Infelizmente, vamos dizer, a legislação que poderia ser complementar não acompanhou.

Mato Grosso do Sul fez um trabalho, Deputado Ademir Brunetto, no sentido de que... Na verdade, eles criaram uma legislação paralela e fizeram um corredor para permissibilidade do plantio, principalmente na região que está na Bacia do Alto Paraguai, na região de Sonora, quase divisa com Mato Grosso do Sul, que possui duas usinas sucroalcooleiras, e conseguiram a permissibilidade no sentido de que, criando esse corredor, fosse feita essa questão.

Alguns defendem - questão que foi colocada aqui - que o produto para se produzir o etanol seria um agente para adubar. É uma questão que nós deixamos aqui como uma interrogação, mesmo que pesquisas já foram feitas no sentido de que ele seria, vamos dizer, contaminante para o nosso meio ambiente, principalmente na questão do lençol freático.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR O IMPACTO DO USO DO AGROTÓXICO
NA VIDA DAS MULHERES E DO MEIO AMBIENTE, REALIZADA NO DIA 06 DE MARÇO
DE 2013, ÀS 14:00 HORAS.

Então, é um assunto, Sr. Deputado, que eu acho que Vossa Excelência poderia muito bem levantar nesta Casa e coloco-me a disposição para que possamos, com o elemento de pesquisa que temos, contribuir para esse trabalho, com o apoio da comunidade científica. Na verdade, vamos dizer, voltar a discutir esse assunto.

Em relação ao que o Sr. Pignati colocou, acho muito importante, embora alguns produtos, como o DDT (Dicloro Difênil Tricloroetano) e Aldrin, que teriam saído do comércio, pelos Estados colocados, ainda estão presentes no meio ambiente. Então, é uma questão realmente difícil.

Eu conheço aquele trabalho da Epidemiologia e Saúde, já tive oportunidade de ler; a questão da saúde do trabalhador, é importantíssimo.

Eu quero dizer que em 1991, Deputado, a primeira Lei do Agrotóxico, que inclusive que criou o receituário agrônomo Lei nº 5.850, de 1991, ela infelizmente tinha um caráter restritivo e ela foi de nossa autoria, infelizmente foi revogada, Deputado. Infelizmente! E agora estamos vendo isso que o professor Wanderlei Pignati colocou.

Quero dizer que nós estamos fazendo uma pesquisa na Câmara Setorial Temática de um assunto muito importante: ter a segurança alimentar. É um trabalho que estamos iniciando agora e que eu gostaria de ter um apoio da comunidade científica, principalmente o professor Wanderlei Pignati para buscar por meio dos dados que ele tem possamos de fato fazer uma contribuição. E eu acho que é um assunto, Deputado Ademir Brunetto, poderia levantar nesta Casa. Então estou fazendo essa intervenção dizendo que nós estamos plenamente convictos em todas as questões que assolam a saúde do trabalhador principalmente e dizer para Vossa Excelência que hoje tivemos a oportunidade de conversar e dizer que nós como pantaneiros, como pessoa que tem o conhecimento, eu conheço bem a questão dos rios, a questão do anzol de galho, Sr. Presidente! Eu tive a oportunidade de dizer e sei que Vossa Excelência não concorda, mas eu digo o seguinte: com isso, acabamos ou com o rio ou com o peixe. Então não tem saída! Eu acho que aprovar isso seria uma aberração contra a questão da nossa fauna biológica.

Graças a esse trabalho, a esse entendimento que Vossa Excelência já colocou que é contra. Inclusive, Vossa Excelência conversou com o professor Rubem Mauro, que é uma pessoa que tem muito conhecimento e ele também se coloca à disposição de Vossa Excelência também para subsidiar essa questão, eu já conversei com ele.

Muito obrigado, parabéns pelo evento! Parabéns, professor Wanderlei Pignati pela excelente palestra que o senhor nos ofereceu nesta tarde! (PALMAS)

O SR. PRESIDENTE (ADEMIR BRUNETTO) - Obrigado, Sr. Paulo Moura.

Nós temos um horário regimental para iniciar e para encerrar as audiências públicas. Temos quinze minutos e temos mais duas pessoas inscritas na plateia e depois temos a fala do professor Wanderlei Pignati para encerrar a Audiência Pública, combinado? Tem a Valete Soares, que representa o Movimento Nacional dos Direitos Humanos. Podem ser três minutos, Valete?

A SR^a VALETE SOARES (FORA DO MICROFONE) - Até menos.

O SR. PRESIDENTE (ADEMIR BRUNETTO) - Ah, então, está bom. As mulheres são mais objetivas, estão vendo (RISOS)?

A SR^a VALETE SOARES - Boa-tarde a todas e todos!

É angustiante, não é? Eu poderia dizer assim: ah, eu estou feliz por estar aqui. Mas, em pleno século XXI nós ainda estamos discutindo direitos dos animais, que é direito a vida. É

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR O IMPACTO DO USO DO AGROTÓXICO
NA VIDA DAS MULHERES E DO MEIO AMBIENTE, REALIZADA NO DIA 06 DE MARÇO
DE 2013, ÀS 14:00 HORAS.

uma vergonha. Nós estamos aqui e poderíamos discutir outras questões que seriam os direitos humanos, viver com dignidade e sair desses princípios que deveríamos estar vivendo.

Aí uma outra angústia que eu quero colocar aqui é a questão de onde vem os recursos desses venenos para nos matar; dinheiro de quem que eles compram; nada mais é do que do BNDES, do Fundo de Amparo ao Trabalhador (PALMAS), o qual vem descontadinho, bonitinho dos nossos salários de quem trabalha com carteira assinada e dos nossos impostos.

Então, é assim, eles usam o nosso dinheiro com empréstimo para pagar daqui a duzentos anos, mas para nos matar (PALMAS). Aí o que nós temos que perceber também é a questão da inconstitucionalidade política, que é bem essa mesmo de extermínio do ser humano em nome de um capital, em nome de um núcleo que é gerador de morte, de miséria, de desgraça nas comunidades.

Outra coisa que nós temos que dizer também é a questão da má distribuição de renda, aliás, de nenhuma distribuição de renda. Afinal, nós percebemos que esses programas sociais que existem aí, na verdade, são extremamente fictícios com relação à desigualdade que é para vinte milhões de pessoas em detrimento de vinte mil, trinta mil que pagam os altos recursos do BNDES, aí fica falando assim: ah, a gente beneficia tantos milhões. Mas não chega a ser um cisquinho daquele que é passado do nosso recurso para esses grandes.

Então, é isso que eu quero colocar, peço em apelação constante dos direitos humanos em nossas vidas, no nosso cotidiano que é extremamente intencional de governo e de modelo excludente de morte (PALMAS).

O SR. PRESIDENTE (ADEMIR BRUNETTO) - Muito bem, Valete, muito obrigado por sua contribuição.

Agora é a última participante, a Otília. A Otília está aí? *O.K.*

Quero registrar a presença dos nossos vereadores de Terra Nova, os meus amigos Max e Mano - sejam bem-vindos a esta Casa de Leis -; a Marli Keller, representando o SINTEP e a Secretaria de Mulheres do PT - muito obrigado -; e, acho que já ausente, o Luiz Benedito Lima Neto, Presidente do Sindicato dos Engenheiros do Estado de Mato Grosso.

Com a palavra, a Sr^a Otília Teófilo.

A SR^a OTÍLIA TEÓFILO - Boa-tade a todas e a todos os presentes. Primeiramente, quero desejar que todos os dias nós tivemos um feliz dias das mulheres, com mais dignidade, com mais saúde, com mais educação e com mais direitos humanos não só para as mulheres, mas para toda a comunidade. Na verdade a classe trabalhadora é internacional para todos nós em todo o mundo.

Quero aproveitar a fala da companheira que me antecedeu para dizer que o agronegócio, que as grandes empresas elas se desenvolvem neste Estado, porque elas vêm para cá com incentivo e isenção de impostos. Isso é extremamente serio, porque todo o agronegócio, como mostrou ali, que ocupa 73%, companheiro João, de uma área de um município e ainda questiona que tem preservação ambiental naquele município, ele está lá, mas, do ponto de vista do imposto, é toda uma produção de exportação, e ele praticamente não deixa nada no Estado de Mato Grosso: nem como trabalho, porque não emprega a classe trabalhadora do nosso Estado, nem como lucro, porque esse lucro é privatizado. Ele chega com incentivo, isenção e não deixa nada. E isso vai gerar, cada dia mais, uma grande crise no Estado de Mato Grosso. Ou seja, essa é uma política burra de desenvolvimento, tanto do ponto de vista ambiental, quanto social e sanitário. Essa é uma política burra! Essa é uma política de genocídio! Essa é uma política de crise permanente no Estado de Mato Grosso, que vai se aprofundar cada dia mais. Essa é uma política que, ampliada para o País, é uma

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR O IMPACTO DO USO DO AGROTÓXICO
NA VIDA DAS MULHERES E DO MEIO AMBIENTE, REALIZADA NO DIA 06 DE MARÇO
DE 2013, ÀS 14:00 HORAS.

política burra e que aprofunda a crise do nosso País. Como é que ela está se resolvendo? Ah, tem uma crise aí.

No desenvolvimento urbano há um crescimento vertical que acaba com a área verde. Vocês estão vendo que Cuiabá não é mais a Cidade Verde. Cimentam tudo - e nós sabemos a consequência disso tudo -, desmatam, aumenta o número de carros para girar a economia do País, motos e, hoje, o SUS não aguenta esse modelo de desenvolvimento urbano. Por quê? As nossas UTIs estão lotadas com as consequências desse modelo de desenvolvimento. Os hospitais que eu acreditava que o SUS reverteria. À medida que ele atendesse pelo Programa de Saúde da Família, à medida que ele atendesse pela atenção primária, nós quase fechamos hospitais um dia. Com esse modelo de desenvolvimento, não. É o contrário! É maior o número de intoxicações por agrotóxico na área rural; é maior o número de má-formação das crianças dentro do ventre materno e isso vai levar - eu fico arrepiada, eu sou médica há trinta e cinco anos - a um aumento enorme da necessidade do Sistema Único de Saúde, porque as crianças estão nascendo com má-formação cardíaca, com má-formação intestinal, com má-formação de face, enfim, de todos os órgãos e nós teremos que dar assistência a essas pessoas.

Então, quando eu pensava que iríamos lidar mais com problema sanitário, mais com problema ambiental, talvez, com uma força muito grande poderíamos resolver. Hoje, lidamos com isso agravado, com as condições de saúde agravada, com problemas muito mais graves, com pessoas sequeladas tanto no trabalho, quanto nas ruas, nos acidentes de trajeto ou nas suas bicicletas ou nas suas motos ou nos seus carros ou no ônibus, nos caminhões, nas estradas, nos buracos absurdos que vejo aqui e em toda e qualquer cidade deste Estado, deste País, que matam mais que guerra, na violência urbana, pela falta de distribuição de renda. Que matam mais que guerra!

Às vezes, eu fico assim: o SUS não está aguentando e, ao mesmo tempo, a política governamental é de, ainda, distribuir dinheiro do SUS para o privado por meio das OSS.

Está aqui o Projeto de Lei, Deputado! E o senhor sabe que foram quase trinta mil assinaturas, em pouco tempo, dizendo: “Nós não queremos as OSS na saúde; nós não queremos na educação; nós não queremos na segurança. Nós queremos gestão pública, porque, senão, seria muito fácil. Nós pagaríamos um administrador para administrar este País. Este é um País democrático, pelo menos, dizem e nós queremos construir essa democracia com a nossa gestão, com a gestão pública, nos serviços públicos, nas políticas públicas...(PALMAS)...na política da reforma agrária. Nós queremos decidir como queremos essa política. Não! Eles vão e colocam uma OSS, que é privada, para gerir uma política de reforma agrária. Isso é ridículo! Isso é um absurdo! São retrocessos históricos que vão demorar, às vezes, dezenas de anos para serem resolvidos.

Então, eu fico pensando, nós, mulheres; nós, cidadãos deste País, que a impressão que dá é que não dá para voltar para o trabalhado, porque é um luta cotidiana, a cada segundo. Não dá tempo de trabalhar, porque é uma loucura.

Cadê o encaminhamento do Projeto de Lei, eu perguntaria para o Deputado, que é contra as OSS na saúde. Se a OSS prestasse, o Pronto-Socorro de Cuiabá está sob gestão de OSS e foi para o *Jornal Nacional* há dois, três dias (PALMAS).

Então, não resolve nada! Não resolve nada! Nós queremos uma administração pública, uma gestão pública eficiente. Nós queremos muito mais do que isso: nós queremos uma mudança do modelo de desenvolvimento deste País, que não privilegie o Capital, mas que privilegie o trabalho, o ser humano. O ser humano, a humanidade que está em nós é muito delicada. As mulheres são cíclicas. As mulheres não são iguais todos os dias do mês e essa mudança que cada uma de nós tem, por meio da sua biologia, dos seus hormônios, cada molécula de agrotóxico, cada

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR O IMPACTO DO USO DO AGROTÓXICO
NA VIDA DAS MULHERES E DO MEIO AMBIENTE, REALIZADA NO DIA 06 DE MARÇO
DE 2013, ÀS 14:00 HORAS.

molécula de *stress*, cada situação de *stress* nos muda, nos altera, nos adoce, porque a natureza humana é extremamente delicada. E a saúde deveria lidar com essa delicadeza humana e não com essa gravidade de mutilações e adoecimentos cada vez maiores que esse modelo de desenvolvimento está proporcionando.

Eu não falo da boca para fora. Toda vez eu falo eu me arrepio e sinto os trinta e cinco anos só da minha profissão, fora os seis de faculdade.

Eu queria deixar este depoimento! (PALMAS)

O SR. PRESIDENTE (ADEMIR BRUNETTO) - Professora Otília, só pelo seu depoimento já valeu a pena a nossa Audiência Pública. (PALMAS)

Não querendo fugir do tema, mas a minha posição quanto às OSS a senhora já sabe. Eu sou contrário! Posicionei-me publicamente e tenho feito enfrentamentos ao Governo.

Eu quero definir esse Governo como um Governo que é comandado por um cidadão mal-intencionado e cercado de pessoas mal-intencionadas. Não tem solução! Não!

Nós temos que reagir às pressões de toda natureza. Eu estou tentando fazer a minha parte um tanto isolado aqui, na Assembleia Legislativa. Vamos seguir em frente! Acredito!

Agora, Pignati, vamos encerrar.

A Sr^a Luzia vai fazer um encaminhamento de um minuto e, depois, o Pignati encerrará

A SR^a LUZIA - Boa-tarde a todos e a todas!

Eu sou a Professora Lu. Atualmente, estou na Secretaria Estadual de Justiça e Direitos Humanos.

Otília e Pignati são companheiros que nós conhecemos desde a década de 80, início dos anos 80 quando mudei para Cuiabá.

Otília, as minhas alergias estão cada vez mais crônicas, o meu hipotireoidismo, além da idade, que acarreta todas essas consequências maléficas do nosso organismo, também, tenho certeza que é por causa da nossa alimentação. Isso já foi comprovado. Está nos exames que eu fiz.

O que eu gostaria, falando em alimentação orgânica, não orgânica, agroecológica ou não, é que nessa lista que foi entregue ao Deputado de reivindicações...

Eu não sei por que, Pignati - você pode responder e o João Inácio também - não colocaram como reivindicação a implantação da feira agroecológica, pelo menos, aqui, na Capital. (PALMAS). Parece que não consta. Não consta! Não é? Não? Consta ou não consta? Não consta! Então, porque é uma reivindicação... Inclusive, estamos discutindo em alguns meios, até com o Padre Renato, de implantarmos... Inclusive, você, Professor João Inácio, citou a questão da Capital, Copa, Cuiabá que é a única Capital onde haverá Copa e não terá essa feira e não consta nessa lista.

Então, a minha proposta é esta.

Era só isso!

Foi muito prazeroso estar com vocês, de coração!

Um beijo! (PALMAS).

O SR. PRESIDENTE (ADEMIR BRUNETTO) - Professora, vamos incluir isso na pauta.

Se todos concordarem, nós incluiremos para encaminhamento ao Executivo Municipal.

Com a palavra, o Professor Wanderlei Antônio Pignati.

Seja breve, Professor, por favor.

O SR. WANDERLEI ANTÔNIO PIGNATI - Eu serei breve! (RISOS)

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR O IMPACTO DO USO DO AGROTÓXICO
NA VIDA DAS MULHERES E DO MEIO AMBIENTE, REALIZADA NO DIA 06 DE MARÇO
DE 2013, ÀS 14:00 HORAS.

Eu fui escolhido pelos componentes da mesa que trouxeram essas reivindicações para dar um fechamento rápido.

Primeiro, eu quero agradecer ao Deputado Ademir Brunetto por esta Audiência Pública, por tê-la convocada e espero - esse é o nosso grande fechamento - que se encaminhem essas reivindicações que estão no documento, numa carta que o Deputado recebeu e que não está endereçada só a ele, como também ao Presidente da Assembleia Legislativa, Deputado Riva, e espero que ele encaminhe aos órgãos competentes.

Por que digo competente? O que é de competência da Assembleia Legislativa, nós esperamos que o Deputado encaminhe via Assembleia Legislativa, como, por exemplo, proibir a pulverização aérea, que tem toda uma legislação; a limitação da pulverização terrestre por trator que foi diminuída para noventa metros e não queremos que volte para trezentos, como era antes, mas para quinhentos metros para preservar a saúde e a vida; o cancelamento do subsídio dos impostos, que, em nível nacional, estamos levando essa discussão, porque não se paga ICMS, em Mato Grosso, dos agrotóxicos; não se paga o ICMS no Estado de Mato Grosso das máquinas agrícolas; não se paga o ICMS no Estado de Mato Grosso de fertilizante químico, mas se paga ICMS de remédio e de um punhado de livro. Quer dizer, que negócio é esse?

Eu acho que nós temos que fazer um estudo desses subsídios públicos para o veneno, igual acontece, por exemplo, no cigarro, que cada vez mais estamos taxando. É uma forma de diminuir o consumo e tem diminuído.

Agora, se é veneno e está na Lei, Sr. Deputado, na Lei Estadual e na Lei Federal, está lá: “agrotóxicos”. E não existe agrotóxico sem ser tóxico. Ele é classificado de 1 a 4, é pouco tóxico até extremamente tóxico.

Se é veneno tem que taxar! Agora, não dar subsídio para produzir mais... Ah, para produzir mais, vai no caminho que a Doutora Otilia colocou aqui: Produzir mais para quem? Com todo subsídio?

E outra coisa que o Deputado poderia encaminhar, falando de subsídio, em nível nacional, é a questão da Lei Kandir, Sr. Deputado, que é Federal. Por isso, eu falei para Vossa Excelência encaminhar junto com os Deputados Federais - eu sei que a lei é Federal - porque a Lei Kandir que exonera de impostos todos os produtos primários para exportação.

Então, para que produzir tanta soja neste Mato Grosso para não pagar um posto e ficar nada aqui, que a Dr^a Otilia colocou. Para que produzir tanto milho, algodão e agora girassol, boi, frango, para exportar tudo e nós vamos ficar com o quê? Com os impactos negativos no ambiente e na saúde. Aí não tem dinheiro nenhum. Aí fica o Governo do Estado com o pires na mão, pedindo dinheiro para implantar vigilância e saúde ao trabalhador - está aqui o Coordenador Estadual de Vigilância - para implantar vigilância ambiental, para implantar a vigilância, a saúde, agora está vindo o dinheiro, e a população exposta aos agrotóxicos.

Foi uma luta nossa nacional que surtiu agora num volume de vinte e oito milhões de reais para o Brasil todo e Mato Grosso está recebendo, já assinou o convênio, Sr. Eder, de um milhão de reais que está chegando ao Estado de Mato Grosso para implantar a vigilância de populações expostas aos agrotóxicos.

Eu espero que não fique na gaveta ou no recurso do Estado como tem ficado os recursos que vêm para a vigilância, saúde do trabalhador. Vai para a Conta Única e estamos lá com um saldo de mais de um milhão de reais para ser gasto em vigilância ao trabalhador e o Governo não gasta, não faz vigilância, não faz isso, não faz aquilo.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR O IMPACTO DO USO DO AGROTÓXICO
NA VIDA DAS MULHERES E DO MEIO AMBIENTE, REALIZADA NO DIA 06 DE MARÇO
DE 2013, ÀS 14:00 HORAS.

Espero que esse dinheiro, que está chegando agora de um milhão de reais, seja realmente aplicado e Vossa Excelência como fiscal do povo do Estado, porque é recurso estadual, acompanhe essa destinação.

Outras reivindicações que estão aqui vão para o Executivo. Espero que a Assembleia Legislativa, via seu gabinete, encaminhe para o Executivo para que possamos acompanhar, inclusive, a aplicação disso aqui.

Eu fico, às vezes, não só em nível nacional, Rio de Janeiro, Brasília, mas outros países, com vergonha de dizer a situação da saúde no Estado de Mato Grosso, a situação da vigilância ambiental, da vigilância e saúde do trabalhador que está acontecendo. E o pessoal pergunta: “Professor Pignat, onde você fez esses estudos? Ah, vocês estão bem de laboratório de toxicologia!” (PALMAS)

E eu digo: Mentira! Lá não existe! Nós temos feito isso ou na universidade ou na Fiocruz do Rio de Janeiro.

Eles perguntam: “Como vocês tratam um paciente que está intoxicado em Alta Floresta, se está com suspeita de intoxicação por glifosato?” Faz no olho; faz na sorte, porque tem um laboratório e não faz; tem um laboratório implantado, com pessoal treinado lá no LACEN, que passou por nós, fez mestrado conosco, uma outra vez mestrado lá no Rio de Janeiro, na Fiocruz, e está lá o laboratório parado porque o Governo não quer colocar para funcionar. Não quer colocar para funcionar!

Então, nós temos estrutura e o Governo não quer. Por quê? Porque não quer analisar que a água está contaminada, que o alimento está contaminado, o leite materno está contaminado. Não quer! O Governo não quer fazer isso. Nós fazemos como pesquisa.

Eu estou colocando isso, porque isso aqui tinha que ser rotina do Governo do Estado. Rotina para analisar os nossos alimentos, que a Madalena falou, que estamos comendo todo dia, ir lá ao supermercado pegar e analisar. Aqui quem faz de vez em quando é o Ministério da Saúde e olha o desastre que eu apresentei aqui, que eu mostrei. Mas tem que fazer! O Governo tem que fazer! O Governo do Estado tem que fazer! A Vigilância Sanitária é que tem que funcionar.

Então, eu espero que encaminhe para a Agricultura, Saúde, Meio Ambiente e, no que puder, nós da Universidade vamos, inclusive, fazer os estudos, apresentar os estudos.

Nesses documentos que encaminhamos para o Deputado tem aqui anexo as referências. São vinte e oito estudos que já fizemos: nacionais, internacionais, livros, teses de mestrados e doutorados, que estão aqui, e mais outros que estamos fazendo e continuamos fazendo, os estudos lá da Professora Madalena, da Universidade, e outros que nós podemos ajudar.

O movimento popular que está aqui, não só o MST, o FORMAD, o SINTEP e outros vão ajudar o Deputado a pressionar para ver se, realmente, nós saíamos dessa vergonha. Eu tenho vergonha desse desenvolvimento que mata as pessoas. Um desenvolvimento que nós chamamos assim: químico...(PALMAS)... químico dependente para matar a base de veneno. A base de veneno!

Era isso que eu queria deixar e espero que realmente essas reivindicações que estão abertas... Concordo com a Lu que não foi colocada aqui a feira agroecológica, mas não tem nenhuma feira de agricultura familiar aqui. Estão tentando, o Governo do Estado está tentando implantar uma lá num terreno de Várzea Grande. Há quanto tempo está em construção?! Todo mundo conhece, é lá perto do Trevo do Lagarto. É dinheiro do Governo do Estado, há quanto tempo! Nem a agricultura familiar tem...

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE MATO GROSSO
ATA DA AUDIÊNCIA PÚBLICA PARA DISCUTIR O IMPACTO DO USO DO AGROTÓXICO
NA VIDA DAS MULHERES E DO MEIO AMBIENTE, REALIZADA NO DIA 06 DE MARÇO
DE 2013, ÀS 14:00 HORAS.

O SR. PRESIDENTE (ADEMIR BRUNETTO - FALA FORA DO MICROFONE)
- Do Governo Federal.

O SR. WANDERLEI PIGNATI - Não, é Federal junto com o Estadual. É Governo Federal por causa daquela pedição de esmola, porque não fica nada aqui e tem que pedir para o Governo Federal. Não fica nada aqui! O Estado mais rico da Nação, o maior produtor de soja, de milho, de algodão, agora de girassol e do boi, na hora que chega nível nacional e internacional eu fico com vergonha de falar como estão os nossos serviços de saúde e educação no Estado de Mato Grosso.

Obrigado. Vamos à luta (PALMAS).

(A PLATEIA PRONUNCIA GRITO DE GUERRA - PALMAS.)

O SR. PRESIDENTE (ADEMIR BRUNETTO) - Muito bom!

Pignati, demais membros, companheiros e companheiras, tenho certeza que esta Audiência Pública aflorou um debate e esse debate tem que prosseguir.

Lamentamos que poucos colegas Parlamentares estejam aqui. Os motivos é que certamente devem ter outras atribuições, porque isso é formação, é qualificação para nós que temos a oportunidade do debate, da formatação de leis, da representação.

Quero dizer que a contribuição de estar participando desta audiência foi muito grande. Então, meu muito obrigado a todos vocês. Espero que nos encontremos em outros fóruns para mais debates.

Convido a todos para que em pé cantemos o Hino do Estado de Mato Grosso.

(NESTE MOMENTO É EXECUTADO O HINO DO ESTADO DE MATO GROSSO.)

O SR. PRESIDENTE (ADEMIR BRUNETTO) - Declaro encerra a presente Audiência Pública.

Equipe Técnica:

- Taquigrafia:
 - Aedil Lima Gonçalves;
 - Amanda Sollimar Garcia Taques Vital;
 - Ariadne Fabienne e Silva de Jesus;
 - Cristiane Angélica Couto da Silva Faleiros;
 - Cristina Maria Costa e Silva;
 - Dircilene Rosa Martins;
 - Donata Maria da Silva Moreira;
 - Isabel Luíza Lopes;
 - Tânia Maria Pita Rocha;
- Revisão:
 - Ila de Castilho Varjão;
 - Nilzalina Couto Marques;
 - Regina Célia Garcia;
 - Rosa Antonia de Almeida Maciel Lehr;
 - Rosivânia de França Daleffe.